N.º 253 — 11.º ano

1-JULHO-1936

PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)................	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias................	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil................	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SAGRES

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia onde estão instalados os seus escritórios

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 – 2 4172 – P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em todas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, atavia do-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . Esc. 8$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.ª ed. Êste romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paìsagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — ***Júlio Dantas.***

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 253 — 11.º ANO
1 — JULHO — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

O Verão veio tarde êste ano. Ou se preferem, o Inverno demorou em se ir embora. Um e outro manifestaram incompreensíveis vagares, movidos não sabemos por que estranho capricho. Dir-se-ia que hesitavam, um em instaurar o seu domínio, o outro em abandoná-lo. E nada nos prova que o Verão se tenha fixado de vez. Nem nos surpreenderia, em tão incertas condições climatéricas, que o amanhecer dum dêstes dias nos trouxesse de novo as brumas e o vento agreste em que êste ano tem sido fertil.

Entretanto, os belos frutos vão amadurecendo, mais por um hábito transmitido através de inúmeras gerações, do que estimulados pelo sol criador, que êste ano brilhou em parcimónia.

E porque os bens são tanto mais apreciados quando mais raros, é que quisemos render nesta página a homenagem ao verão que acaba de chegar. A imagem da colheita das cerejas aí fica a entoar louvores a êste começo de estação.

■

O estatuto da S. D. N. vai sofrer uma reforma. A questão, que já de há muito anda no espírito internacional, foi levantada na reunião do Conselho pelo delegado do Chile. Duas teses se encontraram ali em presença: a dos que pretendem contrariar essa reforma e a dos que a consideram necessária e até urgente. Portugal foi o porta-voz dêstes últimos.

Não se pode por enquanto imaginar ao certo em que consistirá essa reforma. Mas muitos se inclinam a considerá-la como única saída para a complicada situação actual.

Que a reforma consiga, porém, aumentar a eficácia do organismo de Genebra, não é coisa de acreditar Não há cláusulas por mais hàbilmente redigidas que possam impedir um acto de fôrça, quando êle seja praticado com audácia e oportunidade.

A modificação projectada deve ter portanto em vista tirar dos ombros débeis da S. D. N. o fardo esmagador das responsabilidades. Os seus malogros, que a imperfeição dos homens torna inevitáveis, serão assim menos humilhantes.

Teremos assim um organismo de ambições comedidas, com tôdas as características duma vasta e sonolenta repartição pública.

■

Um pararelo entre a viagem do Negus pela Europa e a de Paul Kruger em 1900 após a derrota dos Boers, tornou-se uma ideia trivial, sem o mais pequeno mérito da originalidade. Em todo o caso a comparação não é isenta de certo sabor picante, que a torna recomendável.

Lembremos pois que o presidente Kruger chegou a bordo dum navio de guerra holandês a Marselha onde uma multidão enorme o saudou. Dali dirigiu-se a Paris, onde foi recebido pelo próprio presidente Loubet. Visitou depois muitos paises da Europa, entre êles Portugal. Mas absteve-se de ir a Itália, nêsse tempo amiga fiel da Grã-Bretanha.

Finalmente, o chefe do povo Boer veio a falecer em 1902, perto de Genebra, onde o Negus trava hoje o seu último combate. E esta coincidência de lugar não é das menos singulares.

■

Sôbre o grande escritor Maximo Gorki, que acaba de morrer, contam-se várias anecdotas, em que a sua vida agitada e inquieta foi fértil. Ainda na sua fase de vagabundo, mas quando começava já a afirmar-se como um extraordinário romancista, aconteceu-lhe um dia ser preso por uma questão de somenos importância. No posto policial quando declinou a sua identidade, o chefe preguntou-lhe:

— Gorki? É o senhor que escreve contos?

E como êle o confirmasse, o chefe da polícia prosseguiu.

Nesse caso escreva um conto para mim e restitui-lo-ei à liberdade.

Gorki assim fez, satisfeito por ter encontrado um agente da autoridade que manifestava tanto aprêço pelas belas letras. Qual não foi o seu espanto ao encontrar três dias depois num jornal da terra o seu conto... assinado pelo chefe da polícia.

■

Há cêrca de 40 anos apresentaram-se dois rapazes ao director da Ópera Kazan, a oferecerem os seus serviços. Um era tenor e outro baixo. Submetidos a um exame, o primeiro foi aprovado. Quanto ao segundo o director, tirou-lhe tôdas as esperanças de vir a conseguir qualquer cousa na arte do canto.

O tenor era Maximo Gorki, o baixo, Fedor Chaliapine.

■

Gorki contava que o gôsto da leitura lhe foi dado por um cozinheiro brutal e quem servia de ajudante. Para o obrigar a ler em voz alta, o cozinheiro espancava-o.

Tendo ficado órfão com a idade de 4 anos, Gorki foi criado por uma avó, em companhia de tios brutais. Um dia preguntou à avó porque eram os tios tão maus.

Não são maus — respondeu-lhe ela — São estúpidos.

E Gorki pretendia que era dêste dito que provinha a sua infinita indulgência para com os maus.

M. R.

VISITA MINISTERIAL EM AVIÃO

Os srs. ministro da Marinha e do Comércio e Indústria visitaram no mês findo em avião as fôrças navais que faziam manobras ao longo da nossa costa com base em Setubal. Para êsse efeito, o Centro de Aviação Naval de Bom Sucesso aprontcu cinco hidro-aviões onde tomaram logar os srs. comandante Ortins de Bettencourt e dr. Pedro Teotónio Pereira e as pessoas que os acompanhavam. Após vinte minutos de vôo a esqnadrilha sobrevoava o estuário do Sado onde se encontravam fundeados os contra-torpedeiros «Douro», «Lima», «Tejo», «Dão» e «Vouga» e uma canhonheira. Cada um dos aparelhos foi amarar junto de um navio de guerra.

Um gazolina conduziu depois os ministros a bordo do navio-chefe, o contra-torpedeiro «Douro» onde fôram recebidos pelo sr. capitão de mar e guerra Azevedo Franco. A tripulação efectuou vários exercícios. Os ministros regressaram a Lisboa pela via aérea.

A' ESQUERDA: *O capitão de mar e guerra Azevedo Franco, comandante da flotilha ligeira, em conversa com o ministro da Marinha.* A' DIREITA: *O sr. comandante Ortins de Bettencourt tomando notas, vendo junto dêle o engenheiro Higino de Queiroz, chefe do gabinete do ministro do Comércio e o comandante Azevedo Franco.* EM BAIXO: *Uma conversa na na ponte do comando do «Douro» entre os srs. ministro da Marinha, 1.º tenente Liberal da Camara, chefe do Estado Maior da flotilha ligeira e o imediato do navio-chefe, capitão-tenente Galeão Roma*

UM TERRIVEL CHOQUE DE CAMIÕES EM OEIRAS

No dia 24 do mês findo, produziu se em Oeiras um grave acidente de viação Dois camiões que seguiam em direcções opostas embateram com grande violência devido ao excesso de velocidade.

Ambos os veículos sofreram grandes avarias, ficando um dêles quási inutilizado.

Um dos passageiros João de Araujo, faleceu depois de conduzido ao hospital de S. José.

Outro de nome João Marques ficou internado em estado gravíssimo. O trágico a idente veio recordar uma vez mais a necessidade de tornar obrigatória para os veículos pesados a adaptação dos dispositivos que limitam a velocidade.

ESTUDANTES ALEMÃIS DE VISITA A LISBOA

PROCEDENTE de Hamburgo, donde veio no paquete "General Osório", passou por Lisboa, em viagem de férias, um grupo numeroso de estudantes alemãis, a que a colónia do seu país e as entidades oficiais portuguesas dispensaram o melhor acolhimento.

No dia seguinte ao da sua chegada foi-lhes oferecida no Liceu Normal uma festa que reuniu delegações de alunos dos liceus Maria Amália Vaz de Carvalho, Felipa de Lencastre, Gil Vicente, Camões e Passos Manuel e do Instituto Feminino de Educação e Trabalho de Odivelas.

Em nome dos portugueses a aluna Maria Paulette saudou os seus camaradas alemãis, após o que o sr. dr. Cordeiro Ramos proferiu uma alocução. Seguidamente, o sr. prof. T. Roth, do Grémio Luso-Alemão, saudou os estudantes portugueses e o nosso Govêrno.

O magnífico orfeão dos estudantes alemãis exibiu-se em alguns números de carácter patriótico e regionalista, que deixaram na assistência a melhor impressão. O ministro da Educação Nacional, sr. dr. Carneiro Pacheco proferiu uma breve alocução em que salientou o significado da visita e os sólidos laços de amizade que prendem o nosso país à Alemanha. No final, todos os orfeãos presentes executaram o hino nacional.

No dia 21, os estudantes alemãis assistiram, no Campo Grande, à disputa do torneio de "Hand-ball" organizado organizado pelo Clube Alemão, para o qual o sr. ministro da Alemanha, barão de Hoynigen-Huene, ofereceu valiosos prémios. Na tarde do mesmo dia, assistiram também à festa do Colégio Militar, a que noutro lugar fazemos referência, onde saudaram o sr. Presidente da República. A' noite, finalmente, tomaram parte noutra festa que se realizou no Clube Alemão com o título de "festa da mocidade".

Os estudantes realizaram ainda uma excursão turística aos arredores da capital, visitando o triângulo de turismo Lisboa-Sintra-Cascais.

A passagem dos estudantes alemãis por Lisboa deu assim oportunidade a uma demonstração calorosa das nossas virtudes de hospitalidade, que deixaram nos visitantes a mais agradável recordação. A inteligente iniciativa da trazer a Portugal a mocidade estudiosa da Alemanha, contribuiu, portanto, para um estreitamento de relações entre os dois povos e, conseqüentemente, para uma mais profunda compreensão recíproca. Eis um facto que é, sem dúvida, digno dos maiores elogios.

Os estudantes visitaram ainda a exposição do Ano X da Revolução Nacional, no Parque Eduardo VII. Seguiram depois em excursão para a Serra da Arrábida onde acamparam visitando Azeitão e Portinho. Depois de percorrem algumas regiões do nosso país, devem embarcar para a Alemanha no dia 2 dêste mês.

A' direita: *Os estudantes alemãis saudando o Chefe do Estado na festa do Colégio Militar.* **Em baixo:** *Dois aspectos das finais do torneio do «Hand-Ball» do Clube Alemão a que os visitantes assistiram. A' esquerda, o ministro da Alemanha saudando o dr. Salazar Carreira, da equipa do Sporting. A' direita, o mesmo diplomata assistindo na tribuna às fases do jôgo*

Aspectos da festa de homenagem aos estudantes alemãis no Liceu Normal de Lisboa
Em cima: *A mesa de honra.* Em baixo: *Um aspecto da assistência*

FIGURAS E FACTOS

Cristiano Lima

CRISTIANO LIMA publicou em volume a sua peça «O Inimigo» que a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro apresentou há tempo no Nacional. É uma obra dramática de acção intensa, em que os personagens se desenham com vigor. O autor escreveu para ela um prefácio de deliciosa irreverência, que não é por certo a parte menos atraente do livro. Explica-nos nele a sua afeição ao teatro «em que o público diz na cara do autor o que pensa, mesmo quando não pensa».

Comemoração do centenário de Ampère

NO salão nobre da Academia das Ciências realizou-se no dia 18 do corrente uma sessão comemorativa do 1.º centenário da morte do grande físico francês Ampère. Presidiu o sr. general Aquiles Machado que tinha à sua direita os srs. ministro da França e dr. Júlio Dantas, e à esquerda os srs. ministros da Educação Nacional e dr. Pereira Forjaz.

César Pôrto

O prof. César Pôrto acaba de lançar no mercado uma obra em francês «L'Instinct», em que estuda um dos mais complexos problemas da psicologia. Neste trabalho de perto de 300 páginas, César Pôrto analisa o estado actual dos nossos conhecimentos sôbre o instinto nos seus multiplos aspectos. É um trabalho científico que revela uma larga erudição e que, escrito numa linguagem elegante, nada tem da aridez dum tratado científico. As manifestações das fôrças psiquicas inconscientes servem de pretexto ao autor para uma série de conceitos em que os aspectos da vida são apreciados sob o duplo ponto de vista literário e científico.

Angelo Pereira

ANGELO PEREIRA é como um mineiro afanoso e robusto que, após longas horas por entre as misteriosas trevas do sub-solo, emerge radiante com as mãos cheias de preciosidades. No seu novo trabalho «Soares dos Reis — Repórter do Ocidente» apresenta-nos 21 cartas do artista excelso que êle soube explicar e prefaciar com o brilho do seu talento de investigador que todos lhe conhecemos e sinceramente admiramos.

Virginia Mota Cardoso

A inspirada poetisa D. Virginia Mota Cardoso publicou um novo livro que intitulou «Quando fala o coração». Em cada cada um dos sonetos que o compõe há muita alma, muita inspiração e muito talento que cativarão tôdas as almas que os saibam compreender. Eis, pois, um livro que deve ser lido com o coração aberto, pois foi assim que a autora o escreveu.

Dr.ª Amélia Cardia

«ALFORRIA» é o título dum novo romance psicológico da dr.ª Amélia Cardia, conceituada autora do «Visionário» e da «Pecadora», obras idênticas a esta que, após vinte anos, se digna publicar definitivamente. «Alforria» é o título do novo livro, e não o da carta de quem o escreveu, por que essa... está passada há muitos anos com todos os privilégios e louvores. A dr.ª D. Amélia Cardia, dando largas ao seu talento, dá o mais belo exemplo à mocidade de hoje.

Ivone Santos

O último concerto da grande pianista Ivone Santos obteve, como seria de esperar o mais retumbante triunfo. Sendo ainda uma criança, e tendo conquistado o lugar de professora do Conservatório, o seu nome corre no mundo artístico, apregoado por tôdas as trombetas de fama. Raras vezes aparece quem assim interprete Beethoven.

Homem Cristo

DIZER que o implacável director de *O Povo de Aveiro* acaba de publicar o 2.º volume das suas memórias «Notas da minha vida e do meu tempo» é afirmar que êste novo livro obterá um exito idêntico ao anterior. Nas suas evocações, Homem Cristo ressalta sempre tão sugestivo e vigoroso que até os atingidos, pela sua mocidade o lêem com agrado e até com admiração.

Um choque no tunel do Rossio

NO dia 23 do mês findo, um comboio procedente de Sacavem chocou dentro do tunel do Rossio com uma formação de material vazio que se dirigia para Campolide. O desastre não teve maiores proporções por ter sido previsto pelos dois maquinistas que fizeram tudo para atenuar o embate. O pânico entre os passageiros foi enorme, registando-se 36 feridos todos sem gravidade.

A nossa gravura mostra um aspecto dos trabalhos de carrilamento duma das locomotivas. A interrupção do trânsito não chegou a durar hora e meia. Os feridos foram pensados no posto de socorros da Estação do Rossio pelos clínicos da C. P. drs. Carlos Lopes, Castro Caldas, Matos Cid, Parreira Cabral e Fernando Wadington.

Dr. Mário de Artagão

«FERAS Á SOLTA» é o titulo dum episódio dramático que o dr. Mário de Artagão acaba de publicar e que nos empolga, não só pela profunda filosofia que o nimba, como pela harmonia dos alexandrinos em que é composto. Ler êste livro é recordar os bons tempos da verdadeira poesia que não sabemos ainda quando voltará. E enquanto não volta, vamos tendo a satisfação de ler versos como estes que o dr. Mário de Artagão nos apresenta e que constituem uma espécie de baluarte da nossa esperança.

Nas linhas que se seguem, apresentamos aos nossos leitores o primeiro relatório sôbre a sensacional descoberta, feita recentemente em Nova York, dum curioso manuscrito de Beethoven. Pela leitura do artigo, poderá avaliar-se do interêsse dêsse documento, que vem lançar luz sôbre uma fase da vida sentimental do grande compositor.

UM MANUSCRITO DE BEETHOVEN

reaparece ao cabo de 125 anos e esclarece um aspecto da vida íntima do genial músico

COMO se sabe, Ludwig Beethoven musicou seis poesias de Goethe, mas até agora só se conheciam cinco manuscritos. Apesar de todos os esforços ardentes dos sábios, o manuscrito do «Canto de Mignon» não aparecia. A única referência ao original dessa composição encontrava-se numa carta dirigida a Bettina do Arnim, com um autógrafo que esta pretendia ser do mestre. Esta famosa carta sempre duvidosa e finalmente desmentida pela presente publicação, provocou bastantes discussões entre os sábios e acaba por se reconhecer que era falsa.

Bettina do Arnim pretendia, portanto, que a música dessa romanza lhe fôra dedicada, tendo sido composta pouco tempo antes da sua visita a Beethoven. Eis o texto da carta citada por ela: «Envio junto, escrito pelo meu próprio punho «Conheces o país·· », como recordação da hora em que a conheci».

Contudo, o original dêste canto que deveria ir junto com a carta em questão não se encontrava em seu poder. A carta foi reconhecida pelos sábios como uma falsificação grosseira devida à vaidade de madame do Arnim. Esta, irmã do poeta Clément Brentano, gozava dêsde a infância de certa celebridade pela sua correspondência com Goethe, mas devido ás suas indiscrições, Goethe opôs se mais tarde ás suas visitas. Debalde se pesquisou o original dessa composição de que se conhecia a primeira edição mas não o manuscrito, que só agora aparece e pela primeira vez escrito em parte pelo próprio punho de Beethoven.

A dedicatoria desta cópia, feita segundo o original desaparecido, corrigida e completada por Beethoven, indica claramente que o «Canto do Mignon», não foi dedicado a Bettina do Arnim. A avaliar pelo *post-sciptum* acrescentado à primeira página do manuscrito e de conformidade com o espírito de Beethoven, pode antes supôr-se que essas linhas fôram dedicadas a quem o escrevêra:

> «N. B. — O autôr permitiu-se pôr em relêvo os embelezamentos dêste canto pela menina Tereza — *Beethoven*.

Este *post-sciptum* caracteriza ao mesmo tempo as bôas e amáveis relações de Beethoven com a menina Tereza, cuja identidade foi verificada pelos sábios como sendo a de Tereza Malfatti, sobrinha do médico de Beethoven, que contava então 17 anos.

Depois de ter sido considerado perdido ou desaparecido durante cento e vinte cinco anos, o manuscrito faz agora uma surpreendente aparição, quande se perdera já tôda a esperança de encontrar o original de Beethoven. Estas quatro folhas de papel de música pertencem de resto ao número dos manuscritos mais interessantes de Beethoven. O texto da música está meio escrito ou corrigido pelo próprio compositor, as palavras assim como as outras notas são escritas por uma mão feminina e inhábil. Não se trata portanto do trabalho dum copista qualquer, mas do resultado dum trabalho comum e íntimo de Beethoven com uma mulher ou uma rapariga, com a qual êle escreveu um manuscrito, que é nêste caso único. Fizeram-se numerosas investigações para saber quem era a senhora a que Beethoven concedia um tão grande favor. De princípio só se conhecia o seu nome de baptismo — Tereza — que figura na dedicatoria escrito em letras enormes, tão características em Beethoven, ao fundo da primeira página. Com esta observação do bom humor Beethoven quís evidentemente lisonjear a sua colaboradora, dando a impressão de que ela também o ajudara na composição. Contudo, se se comparar o manuscrito à composição tal como foi publicado, não se encontram diferênças que possam justificar uma concepção literária dêste *post-scriptum*.

Considerando o nome de Tereza pensou-se primeiro na condessa Tereza de Brunswick a quem Beethoven dedicara em 1810 a sua opera 12, a sonata em Fá-maior. Mas a condessa tinha então 34 anos, ao passo que a letra do manuscrito é duma simplicidade infantil. Além disso, visto o cumprimento de Beethoven ser dirigido à «menina Tereza» e não à condessa, foi preciso pensar noutra que desempenhou nessa época certo papel na vida privada de Beethoven — Tereza Malfatti.

Durante o mesmo ano em que o manuscrito do «Canto do Mignon» foi realizado, Beethoven dedicou várias composições à jovem Tereza Malfatti, tendo formado o projecto de a desposar. A «Bagatelle» para piano em Dó-menor, foi provavelmente dedicado a ela, embora os sábios divirjam sôbre o nome escrito no original (Tereza ou Eliza). Mas é facto assente que o mestre lhe dedicou o canto de Clara «Cheio de alegria, cheio de desgosto», cujo original, assim como a carta dirigida a ela se encontram na colecção «Koch-Floersheim». Essa carta começa pelas seguintes palavras: «Recebereis junto, adorável Tereza, a cousa prometida ··» e lança luz sôbre as relações do mestre com a jóvem, pela maneira de se dirigir a ela. Por tudo isto, não devemos andar longe da verdade atribuindo a Tereza Malfattia a autoria da cópia.

Infelizmente só em parte se póde acompanhar a odisseia dêste manuscrito singular. Um medalhão de ouro com uma madeixa de cabelos de Beethoven estava junto quando o manuscrito apareceu há tempo num leilão em Nova-York. Este medalhão era acompanhado por um atestado «Cabelos de Beethoven recebidos em presente do sr. Holz. de Viena, um amigo do grande mestre — J. R. Schachner». Além dêste, havia outro atestado fazendo referência à proprietária que precedeu o pianista Joseph Rudolph Schachner, que era de resto herdeiro de Tereza Malfatti, mais tarde baroneza de Drosdick. Assinado por Hyacinthe, condessa de Topor Morawitzky, determina que em caso do falecimento da proprietária devem ser entregues ao professor J. R. Schachner: «um manuscrito com letra e aperfeiçoamentos da mão de Beethoven, além dos cabelos do mestre». O acima mencionado Charles Holz foi durante os últimos anos da vida do grande músico seu amigo íntimo e conselheiro. A partir de 1806, quando Schachner morreu com 90 anos de idade, nada se sabe do caminho que o manuscrito tomou. Finalmente foi há pouco leiloado em Nova-York e adquirido por um conhecido colecionador de autógrafos que encerrou o precioso documento num cofre em Londres. Só depois desta venda pública se reconheceu completamente o seu valor.

Em todo o caso, estas sete páginas de música de dez linhas cada uma, vêm preencher um vácuo nas relíquias de Beethoven porque nos informaram pela primeira vez sôbre o original do canto imortal «Conheces o país de Wilhelm Meisters», e representam ao mesmo tempo um caso único entre os manuscritos de Beethoven, que nunca eram feitos em colaboração com outras pessoas.

Além disso, como vimos, o manuscrito esclarece-nos sobre uma das fases mais curiosas da vida íntima e sentimental do grande amoroso que foi Beethoven. A sua paixão por Tereza Malfatti surge-nos numa das suas mais ingénuas manifestações, e constitue, sem dúvida, para os seus críticos e biógrafos uma surpreendente revelação. Daí o natural interêsse que o documento agora descoberto suscitou em todo o mundo.

Uma página do manuscrito de Beethoven a que alude o presente artigo

O baloiço — gravura do século XVIII

ONTEM E HOJE

O PUDOR E AS MODAS

O que dirão de nós os nossos bisnetos?

Quem comparar as modas dos tempos de hoje com as usadas pelas nossas avós, ha de sentir, se meditar um pouco nas frias realidades, uma profunda mágua por não ter vindo ao mundo com uma antecedência de cem ou duzentos anos.

Nesses ditosos tempos da saia de balão vivia-se melhor e mais pacatamente sem os deslumbramentos enervantes do *sex-appeal*. Se as damas de então não tinham mais vergonha e mais pudor que as de hoje, aparentavam, pelo menos com mais naturalidade, êstes cativantes dotes femininos.

Vem a propósito citar a maneira severa como Lisboa julgou a rainha D. Maria Francisca de Saboia, quando ainda esposa do desventurado Afonso VI, e só porque não quís tropeçar nas fitas do seu sapato desatado...

Tomou o facto tal incremência, que o próprio "Voyageur de l'Europe» o registou no seu tomo II, pag. 223, nestes termos:

"A' saída da missa do Convento da Esperança, sucedendo desatar-se-lhe o laço do sapato, a rainha ordenou a uma dama que o atasse, para o que arrepanhou algum tanto os vestidos. As mulheres portuguesas, tomando isto como grande escândalo, exclamaram envergonhadas: — Jesus! a rainha deixou vêr o pé!...»

Escusado será dizer que quando essa rainha trocou o marido pelo cunhado, seguindo-se a organização do mais abominável processo que a Historia Portuguesa arquiva nas suas páginas, as mesmas damas, escandalizadas pouco antes com a amostra do pé, não tugiram nem mugiram, talvez porque, no seu íntimo, achassem natural e até moralíssimo um tal procedimento...

E' possível que ainda haja quem manifeste um tal ou qual assombro ante a maneira como os tempos mudaram. Mas para quê se tudo isso é tão natural como o vicejar dos campos na primavera e o caír das fôlhas no outôno? Se na posição em que nos encontramos, temos a veleidade de supôr que estamos adentro da muralha sagrada e intangível da perfeição, é porque não queremos fazer uma leve ideia do que os nossos bisnetos pensarão de nós, ao evocar os nossos ridículos. Sempre assim foi e ha de ser enquanto o Sol se dignar dar vida e calor a êste pobre planeta.

A moda de hoje

Os maiores sábios, os mais ilustres pensadores, os mais gloriosos legisladores, os mais profundos filósofos de todos os tempos não conseguiram obter a intangibilidade das suas teorias. As leis de Sólon, aplicadas hoje com tôda a sua rigidez primitiva, resultariam, senão impraticáveis, pelo menos, improfícuas.

Os cérebros modernos, nas suas congeminações, fazem avolumar mais a ingenuidade de Platão, do que todos os remoques de Diógenes em tôda a sua cínica franqueza.

Qualquer mediano historiador do nosso tempo sentiria vergonha em narrar como um facto irrefutável a proeza de Josué que fez parar o Sol, e que um alto espírito relatou no livro dos Juizes, que faz parte da Bíblia Sagrada.

Tudo se modifica, tudo... Mas o mais curioso é que ninguém aceita como natural esta transformação constante, apesar dos flagrantes exemplos de todos os dias.

Quando Cícero na sua famosa verrina *O tempora! o mores!* verberava a perversão dos seus semelhantes, lamentava, pelo visto, a profunda modificação que o rolar dos tempos ia fazendo nos costumes, como se isso não fôsse impôsto pelas leis inflexíveis da evolução.

Quantas surpresas havia de ter o grande orador romano se pudesse voltar ao mundo, e verificasse que nem o dôbro da sua tradicional eloqüência conseguiria inutilizar os sinistros planos dos novos Catilinas, nem fazer com que os modernos Verres restituissem os vasos coríntios que os diversos Marcos Antónios reclamassem como seus!

Grande tristeza deveria ser a do pobre Cícero, ao convencer-se de que os seus formidáveis discursos, embora continuem a ser o mais precioso filão para quem deseje sondar os tenebrosos segredos do Direito, da Economia Política e da Arte dos tempos antigos, nada adiantaram na educação dos povos.

Mudaram-se os tempos, mudaram-se os costumes!

Grande foi a coragem de Diógenes que nem um furtivo olhar dispensou à famosa corteză que o foi tentar, em tôda a sua nudez radiosa, na intenção de ganhar uma aposta. Tanta isenção não tiveram os juizes que absolveram a surpreendente Frineia, e só por que esta teve a ideia bizarra de exibir a sua nudez em pleno tribunal.

Hoje, o advogado Hyperides teria de aconselhar outro recurso à sua formosa constituinte, em face da vulgaridade assoalhada pelas mil e uma Frineias que na praia do Estoril, por exemplo, se exibem com uma desenvoltura de Evas antes do pecado original, mas muito mais pecadoras.

Só pode ser devidamente apreciado o que se nos torna difícil alcançar, e o que nos surge, a cada momento, ao alcance da nossa mão indecisa e do nosso desejo tão ansioso como volúvel.

Os nossos avós — Deus os tenha em descanso! — extasiavam-se ante a passagem duma dama que, em dia de chuva, era forçada a levantar o vestido à altura de mostrar um vislumbre de tornozêlo. Contentavam-se com pouco, e eram felizes...

Hoje em dia, o à-vontade feminino colocou os homens na situação de marçanos de confeitaria que, tendo ao seu alcance todos os bolos deliciosos, vedados durante tantos anos pelo seu alto preço, e pelos grossos vidros das montras, acabam por enjoar, durante o resto da vida, tudo o que lhes cheire a cremes açucarados e outros ingredientes de pasteleiro.

Eis, pois, o que a moda nos trouxe!

Há cêrca de vinte e cinco anos, quando apareceu a celebrada *saia-calção*, houve para aí mosquitos por cordas. A maior parte da população lisboeta escandalizou-se quási tanto como quando da já citada amostra do pèzinho da rainha Maria Francisca!

No fim de contas, a *saia-calção*, vista hoje com tôda a imparcialidade, seria considerada uma decentíssima peça de vestuário, com muita originalidade e bom gôsto.

Como os tempos mudaram, e como hão-de de continuar a mudar!

Quando há setenta anos Bulhão Pato teve a audácia de incluir numa das mais ligeiras e graciosas páginas da sua pesadíssima "Paquita» aqueles versos que traduziam o pudor da consulesa T..., houve certamente quem lhe atribuisse uma certa dóse de malícia que uma menina virtuosa deveria ignorar.

Quem diria ao mavioso poeta da Caparica que as raparigas de hoje ainda haviam de rir da ingenuidade infantil dêsses deliciosos versos?

Quando saio à tarde, e a fresca aragem
Me dá na roupa,
Sou como a barquinha que vai à vela,
Que vai seguindo viagem
De vento em pôpa.

Depois se o vento,
Ao voltar súbito a esquina,
Vem mais violento,
Quem passa e vê,
Baixinho me diz: — «Menina,
Que lindo pé!»

Córada sigo;
Nem sequer olhos levanto
Para ninguem;
E, quando vem
O vento mais sacudido,
Prendo e reprendo o vestido;

Mas sempre alguem
Me diz que vê
Distintamente o pèzinho...
Quando não é,
Ás vezes um bocadinho...
Além do pé!...

A elegância na época do Directorio

Santa ingenuidade a dos nossos avós! Como isso já vai longe!

Aquela formosissima gravura do século XVIII que representa uma dama recreando-se no baloiço, dá uma ideia perfeita do que constituia o enlêvo dos nossos felizes antepassados. Como a dama se desequilibre, o sapatinho salta-lhe do pé, e patenteia-se ao apaixonado mancebo oculto na moita de verdura, a visão duma perna bem torneada — e nisso está resumida tôda a malícia dum século galante!

Felizes tempos êsses, não lhes parece? E se êles voltassem?

E' possível que ainda haja quem acalente esta esperança?

E para quê?

Em resumo: o mundo háde continuar a girar como até agora, e, um dia, por êste andar, os nossos bisnetos classificarão as nossas perversões, de verdadeiras ingenuidades.

Em pleno século XX...

UMA FESTA NO PALÁCIO DAS NECESSIDADES

oferecida pelo sr. ministro dos Negócios Estrangeiros em honra do Corpo Diplomático

Em cima: O sr. ministro dos Negócios Estrangeiros e sua espôsa com alguns dos convidados. Ao lado: Um aspecto da sala de baile

O ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. dr. Armindo Monteiro, e sua espôsa, a sr.ª D. Lúcia Infante de La Cerda Sttau Monteiro, ofereceram na noite de 11 do corrente, no Palácio das Necessidades, uma recepção e baile em honra do Corpo Diplomático acreditado junto do Govêrno Português.

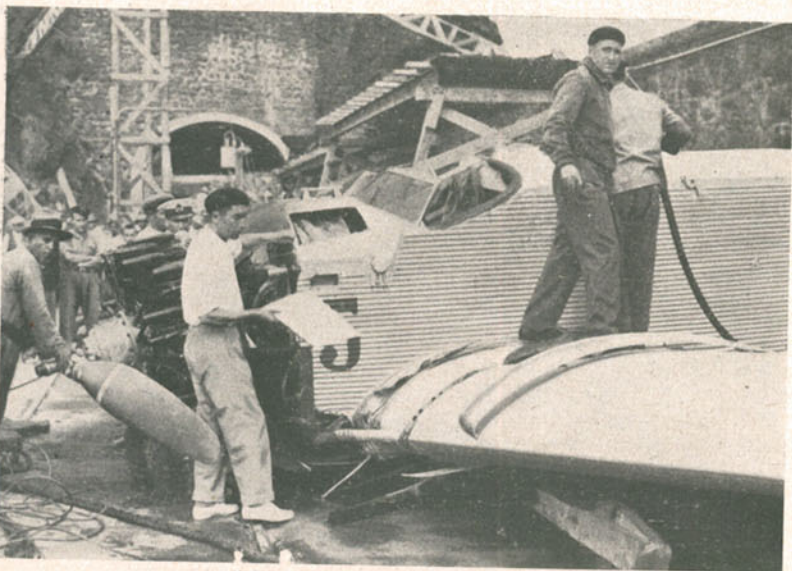
Foi uma das festas de maior elegância e beleza que se têm realizado nos últimos tempos no nosso país. Tudo o que Lisboa tem de mais representativo na aristocracia, nas letras, nas artes, na diplomacia, na alta finança, no funcionalismo civil e militar, se reuniu nas salas sumptuosas do Palácio das Necessidades.

Os convidados eram recebidos ao tôpo da escadaria nobre do Palácio pelos srs. drs. Mendes Leal, João de Mendonça e Pinto Ferreira, respectivamente director e adjuntos do Protocolo, e pelos secretários do sr. dr. Armindo Monteiro.

O Presidente do Conselho e todos os membros do Govêrno assistiram à festa. As salas encontravam-se especialmente decoradas para êste fim. O Museu Nacional de Arte Antiga cedeu para essa noite alguns dos seus mais valiosos quadros e tapeçarias. Flores em profusão davam ao ambiente um tom de elegância e encanto admiráveis. O aspecto dos jardins, profusamente iluminados, era surpreendente. Três orquestras animaram o baile que se prolongou até às primeiras horas do dia. Pela uma hora foi servida uma ceia.

Raras vezes uma recepção ao Corpo Diplomático atinge um caracter de tão requintada elegância deixa à assistência tão deliciosas recordações.

UM DESASTRE DE AVIAÇÃO AO LARGO DA BAÍA DO FUNCHAL

Um hidro-avião «Junkers» do Centro da Aviação Naval de Lisboa, tripulado pelos srs. primeiro tenente Gomes Namorado e segundo tenente Sanches, despenhou-se no mar ao largo da baía do Funchal. Os aviadores sairam ilesos do grave acidente, mas o aparelho afundou-se. As gravuras que damos abaixo mostram aspectos dos trabalhos do salvamento do hidro-avião. A' esquerda, o aparelho suspenso da cábria que o retirou do fundo do mar. A' direita, já em terra, emquanto se examina a importância dos prejuizos sofridos. A localização do aparelho afundado e os trabalhos de salvamento foram conduzidos de forma digna de todo o elogio, e mercê dum enorme esfôrço. Tornou-se assim possível reduzir ao mínimo os prejuizos do desastre, pois os aparelhos de bordo puderam ser recuperados sem avaria.

NOS BASTIDORES DA LITERATURA

COMO ESCREVIA CAMILO

O rascunho dos ataques aos críticos do "Cancioneiro Alegre", Mariano Pina e Artur Barreiros

Teria eu desasseis anos, e começava em Coimbra os meus estudos do Liceu, quando conheci Tomás da Fonseca, que tinha mais quatro ou cinco, e era seminarista. Todas as tardes ia visitá-lo; passávamos horas e horas, conversando, lendo, discutindo...

O meu amigo versava muito os antigos; era inconcebível o que conhecia, não só de Homero e de Platão, de Sófocles e de Heródoto, de Vergílio e de Horácio, mas de Séneca e Marco Aurélio, de Plínio e de Lucrécio... Descobrira Juliano e Celso, e possuia todo o Cícero e Demóstenes!

E permutávamos livros e ideias tão vastamente, que à nossa roda se estava formando — o escândalo. Porque não eram só latinos e gregos, de si já suspeitos; eram livros modernos, bem mais perigosos, que circulavam de mão em mão, e não apenas Voltaire, D'Alembert, Diderot, d'Holbach, Helvetius, os terríveis enciclopedistas, mas até os contemporâneos, apostados destrutores da Sociedade, desde Tolstoi, evangelizador pela palavra, ao anarquista Kropotkine, cujo retrato, desenhado por Cardoso Marta, êle, audaciosamente, arvorava no tôpo da sua cela, sôbre o leito, como se fôsse um santo de devoção, com as suas venerandas barbaças apostólicas.

A Rousseau, sabia-o de cór, e recitava-o pelos corredores e no recreio aos companheiros, que o ouviam encantados, de mistura com poemas da sua lavra, versos candentes, inspirados de Hugo e de Junqueiro, de Richepin e de Gomes Leal, que levantavam labaredas nas almas. Tomás da Fonseca chegára a ponto de levar para a missa a *Nova Heloïsa*, em encadernação própria a ser tomada como livro de orações piedosas...

Foi então que um prefeito, a quem chamavam o *Rex Niger*, abrindo os olhos, invadiu o tugúrio do futuro heresiarca, inventariou o recheio, e levou uma biblioteca inteira — não sei quantas centenas de obras, que eram proïbidas muitas, e outras mereciam sê-lo, pelo *Index*. Foi tudo queimado, conforme o salutar preceito da Igreja!

Eu morava aos Arcos do Jardim, e não tardou que tivesse notícia da catástrofe, por secreta missiva que o meu fraternal consócio me mandou pelo *Pedro do Pífaro*, um velho aédo, que deambulava noite e dia, alto e esgrouviado, cantando, tocando e coxeando pelos páteos, cêrca e imediações do Seminário.

Pedro, arfante da carreira atrapalhada em que viera, sobraçava um pacote.

— Pedro, que trazes aí?

— Es una cosa, es una cosa...

O antigo emigrado espanhol, que resvalára pela desgraça à miséria extrema, foi desembrulhando o pacote, com frouxos de riso brando...

— *Esta es la cosa!*

Eram dois livros brochados, de capa azul...

O Pedro sentou-se, de golpe, no sobrado, como quem cai exausto, ao fim duma épica Maratona.

Não moribundo, pois logo, trauteando uma *seguidilla*, começou, para a viciosa cigarrada, a cortar, sôbre a concha da mão, fina e rugosa, um bom charuto de picar. O meu espanto foi grande: tinha ali, sôbre a minha mesa, a *História dos Girondinos*, de Lamartine, cheia de anotações de Camilo.

— Pero, de onde viene la maravilla, caramba! — *preguntei, apurando todo o meu castelhano, em preito ao prestimoso cavalheiro de além Caia.*

— *Viene de el señor Poeta!*

E no seu castelhano, já quási tão corrupto como o meu, ao cabo de tantos anos de exílio, contou... E foi a história de tantos séculos — desde a expulsão do Paraíso —: a Tirania atacando a Liberdade, e esta, só de momento subjugada, protestando sempre, mesmo então, por algum rasgo inesperado, que demonstra que vencer não é convencer!

O Senhor Poeta, quando o Rei Negro bateu à porta, adivinhára logo, pelo bater desabalado, a sua ira e o seu fero desígnio, e lançára célere mão dêstes volumes (que comprára na véspera) antes de a porta se abrir ao inquisidor, e metera-os entre o peito e a batina, um de cada lado.

Aquela preciosidade foi-me doada pelo Tomás da Fonseca, não só para me indemnizar de alguns volumes que lhe emprestára e sofreram a pena do fogo, mas também porque êle não conhecia maior admirador de Camilo.

Se eu o era, admirador de Camilo!

Já levava em meio um cartapácio sôbre a sua vida e obra, um estudo crítico que, concluído no verão seguinte, não teria, impresso, menos de 300 a 400 páginas. Estremeço, só de pensar que podia ter encontrado um editor... Ainda assim, a amostra ficou. Foi de lá que arranquei, tempos depois, 30 ou 40 páginas, que trouxe a público, numa coleção — *Intelectuais* —, o livreiro Gomes de Carvalho.

Quantas recordações, ligadas a êste alvorecer literário — alvorecer que não teve dia!...

Infelizmente a preciosidade perdeu-se. Emprestaria eu os volumes? Dá-los-ia a algum crítico, admirador de Camilo, que supus mais afortunado, desde que reconheci que não me fadára Deus para altos cometimentos literários? Não sei; varreu-se-me inteiramente da memória.

E' bem pena! As anotações da *História dos Girondinos* seriam importante subsídio para a compreensão da personalidade do grande escritor. Projectadas sobre a Revolução Francesa, que abre o Mundo Novo, quanta luz trariam à psicologia dêsse homem singular, de tão variáveis opiniões, de tão apaixonados sentimentos! Talvez um capítulo — *Camilo político* — ganhasse relêvo, quando enfim chegar a hora de o seu génio ter um crítico à sua altura.

As notas de Camilo à *História dos Girondinos* contavam-se por centenas; rara a página que ficasse com as margens em branco. Algumas eram extensas; dariam um oitavo de duzentas páginas. Todas a tinta, com magnífica caligrafia, e não tinham uma emenda.

Sempre eu ouvira dizer que Camilo tudo o que escrevia era assim — *currente calamo*...

*

* *

Em 1911 encontrei na Biblioteca do Liceu de Passos Manuel, um livro: — *Galicismos, palavras e frases da língua francesa, introduzidas por des-*

deve usar, ao menos com frequencia. E comtudo não negamos que o adverbio bem se acha algumas vezes

LUSITANIA 249

primeira luz, ao romper do dia, etc. Com igual razão, ou sem razão, se traduziria a outra expressão *de grand matin* por *de grande manhã*, devendo dizer-se *alta madrugada, ao romper da aurora,* etc.—*S. Luiz.*

Boas-graças. — *Estar nas boas graças* do soberano, *decahir das boas graças*, etc., sam outros tantos gallicismos inadmissiveis, em lugar dos quaes dizemos em portuguez: *estar na graça do soberano, lograr a sua benevolencia, decahir da graça, crescer na graça do principe, arriscal-a, merecel-a, subir a ella,* etc., etc. — *S. Luiz.*

Boletim (*bultin*). — Significa primeiramente *bilhete em que se dá recado para o exircito*, donde tomamos a significação de *bilhete militar para aposentadoria dos soldados*, a que vulgarmente chamamos *boleto*. Hoje se diz tambem *boletim* por *diario*, em que se participam ao *exercito*, ou *ao publico*, *diariamente*, as *operações* dos *differentes corpos de tropas*: e finalmente se tem ampliado a mesma significação a qualquer *diario*, em que se communicam ao publico quotidianamente algumas

A' esquerda: *A classificação de Mariano Pina.* Em cima: *A resposta ao remoque do Pina*

246 LUSITANIA

tor Pinto. *Dialogo da lembrança da morte*, cap. 2º, aonde diz: *qualquer que se faz amigo do mundo*, faz banco roto, com *Deus*, i. e. *quebra com Deus, rompe com elle*, ou *faz-se seu inimigo.—S. Luiz.*

BANDIDO (*Bandi*, ou *bandit*)—por *banido* é de Paiva Vieira, e outros: hoje se usa tambem com a significação franceza de *salteador, assassino, ladrão, malfeitor*, etc., e como a primeira significação é auctorisada, não ha motivo de reprovarmos a segunda, que tem analogia com ella. Veja-se adiante a palavra *Brigante.—S. Luiz.*

BARRICAR.—Tomado modernamente do francez *barricader*, diz tanto como *entrincheirar*, ou atalhar com *tranqueira*, e *entrincheiramento* o passo de algum lugar. E' gallicismo desnecessario, e vocabulo pouco expressivo na nossa lingua. O mesmo dizemos do substantivo *barricada* por *trincheira, entrincheiramento, tranqueira*, etc.—*S. Luiz.*

BASEAR-SE (em) fundar-se. Gallicismo mais desculpavel que basar e basar-se.—*J. J. Roquette.*

BASTONADA: por *pancada dada com bastão* é vocabulo tomado do francez *bâtonnée*; mas não desdiz da analogia da nossa lingua.—*S. Luiz.*

BATERIA DE COSINHA. Por utensilios ou petrechos de cosinha, é gallecismo escusado.

Frasca é o termo proprio portuguez, como se vê em Moraes, que aponta, entre outros, o seguinte exemplo: «Os moiros levaram a roupa e *frasca da cosinha.*» *Diario d'Ourem*, f. 60 3.—*Do collector.*

BELLO ESPIRITO. (*Bell' esprit.*)—Entre os francezes é

Mariano, não, sr.ª Mariana!

cuido, ignorância ou necessidade na língua portuguesa — Estudos e reflexões de vários autores, colegidos e anotados por J. Noberto de Soisa Silva. Publicado em 1877, no Rio de Janeiro, pelo livreiro-editor B. L. Garnier.

Na portada inscrevia-se, a lápis, um nome — C. Castelo Branco.

Aí encontrei apontamentos que me demonstraram que Camilo nem sempre escreveu — *currente calamo!*

Fala-se do célebre manuscrito do *Amor de Perdição*, em que não há emendas. Saíria assim, de jacto? Não creio.

Mas seria impossível supôr que tantos milhares de páginas que saíram da sua pena as compôs com trabalhoso apuro, com a procura meticulosa do termo próprio, com a tortura da linguagem a que submeteu aquelas que traçou sôbre estes apontamentos, que evidenciam já um primeiro labor intenso.

A maior parte dêles — e não desaproveitou nenhum — referem se a Mariano Pina e Artur Barreiros.

E' bem conhecida a *questão do Cancioneiro Alegre.*

Saíra esta obra de Camilo, um volume de 560 páginas, em 1879, constituída por transcrições de dezenas de poesias de autores vivos e mortos, que umas eram, e outras foram, capituladas de alegres, acompanhadas de comentário adequado, algumas vezes, porém de fundo agressivo, além de jocoso. Não faltam também — ou o livro não fôsse de Camilo — páginas de sombria tristeza nêsse carnaval de risos e doestos... Não podiam receber o *Cancioneiro* de contente rosto os visados pela ironia amarga do solitário de Seide, mas nenhum se deu, na imprensa, por afrontado. Vieram á estacada, como paladinos dos poetas mal feridos naquele certamen original, Sérgio de Castro, Carlos Lobo d'Avila, Mariano Pina, em Portugal; e Gaspar da Silva, Artur Barreiros e Tomás Filho, no Brasil — tudo gente obscura, todos sem brasão literário que obrigasse o gigante a entrar em liça. Mas Camilo era um duelista de raça, e tal consideração não o prendeu; o sangue fervia-lhe demais nas veias para se aquietar em prudente desdem: tomou-lhes, pois, contas do arremêsso temerário. E que severas contas!

Toda a vida de Camilo é cortada de prélios retumbantes, e desde a mocidade, a começar pelos folhetins do *Nacional* e do *Jornal do Porto*, que são já um tumulto de sarcasmos, pelos ataques panfletários a Costa Cabral e pela questão das Comendas. As polémicas com Silva Pinto (1874), com os críticos do Cancioneiro (1879), com Alexandre da Conceição (1881), com Avelino Calixto e José Maria Rodrigues (1883) são das mais marcantes.

E não era só na imprensa: Teixeira de Queiroz refere que duma polémica literária que travaram em cartas particulares resultou um amúo entre êles, que durou certo tempo...

A culpa destas refregas seria sempre de Camilo? E' certo que se excedia, e até nem mesmo guardava o decôro, como na célebre trepa à Senhora Rattazzi (1880), que é, aliás, um modêlo de verrinosa graça. Mas que hervadas frechas não despediam contra êle!

Silva Pinto, que veio a tornar-se o seu mais devotado admirador e amigo, elucida: «Houve um período em que se tornou moda provocá-lo». Em conversa dissera-lhe o Mestre, justificando a impetuosidade das suas implacáveis retaliações: — «E' claro que os meus quarenta anos de serviço, ou quantos são, concedem-me o direito de silêncio, quando um rapaz faz negaças, com muito frenesi, à minha inocente pachôrra. Mas que quer o meu amigo? Eu vi o pobre Castilho e o pobre Herculano saírem desta vida com muitas nódoas negras no corpo. Não surgiu lutador novo que não fôsse ali ensaiar-se, aplicando dois pontapés àqueles dois velhos. O Herculano creio que, à fôrça de orgulho, chegasse a persuadir-se de que os não levara; mas o pobre Castilho sentia-os bem, e tanto que logo, pelo telégrafo e pelo correio, me avisava do sacrilégio — para que eu o desagravasse. Acudi pelo nome daquele sublime ingénuo, duas vezes que me lembre: na questão coimbrã e na do Fausto. Mas pela minha parte resolvi não me deixar contundir sem usar de represálias. Os rapazes dão-me; mas eu reajo...»

*
* *

Mas vejamos agora como o Júpiter Tonante da Polémica Portuguesa, grande Artífice, forjava as suas armas de combate e despedia os seus raios de extermínio...

Na página 246 do *Galicismos* escreveu Camilo:

«Se elle me tem fallado com esta intimativa no folhetim, se me dissesse positivamente não consinto, eu talvez hesitasse em lhe chamar porco; já agora não há remédio, e em resposta á sua peremptória intimação chamar-lhe-hei dois porcos n'um só Pina, e para não enxovalhar o nome d'um jornalista distincto nunca lhe chamarei sr. Mariano, hade ser senhora Mariana.»

No fim do período, substituiu «um», que antes escrevera, por «o», referindo-se a Mariano de Carvalho. Poderá parecer que Camilo ia a escrever «para não enxovalhar um jornalista distincto» etc., mas do original vê-se que não: o que escrevera primeiro fôra — «para não enxovalhar um nome d'um jornalista distincto» etc. Depois de escrito talvez todo o período, é que notou a repetição próxima do artigo «um»; por isso cortou, e por cima escreveu «o». Não há mais nenhuma emenda.

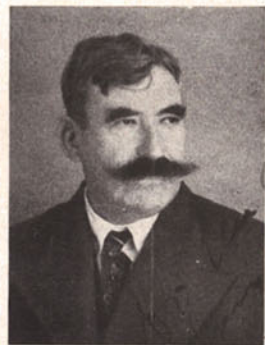
Dr. Lopes de Oliveira

Mas no que veio a publicar-se há alterações e acrescentos: Lê-se em *Os Críticos do Cancioneiro* (página 27 da 1.ª edição):

«Se elle me tem fallado com esta intimativa no primeiro folhetim, se me dissesse positivamente que *não tolerava nem admittia* que eu lhe chamasse porco, pode ser que eu então hesitasse; mas já agora o desafôro não se remedeia; e em resposta á sua peremptoria admoestação chamar-lhe-hei dous porcos n'um só Pina; e para não enxovalhar o nome d'um jornalista e orador notavel, nunca lhe chamarei snr. Mariano: ha de ser *snr.ª Mariana.*»

Algumas das alterações são interessantes. Substituindo «jornalista distincto» por «jornalista e orador notavel» quis decerto, aproveitando a referência, prestar homenagem a Mariano de Carvalho pelos mútiplos aspectos do seu omnímodo talento.

Na página 247 escreveu:

«Mas quem me assevera a mim que Pina não é um...». Depois entrelinhou sôbre «Pina» «o jóvem» e cortou «não é um», resultando: «Mas

quem me assevera a mim que o jóvem Pina existe.» Não pôs a interrogação.

Na página 29 de *Os Criticos do Cancioneiro* imprimiu-se:

«Mas, a final quem me assevera a mim que existe este papa-fina de Pina que refina e se empina e apepina?»

Em seguida escreveu, no rascunho da página 247:

«Parece-me incrível que um pequeno que lia livros no collo das referidas tias sahisse tão adulta e descompassada besta.»

Cortou «pequeno» e substituiu por «gerico». Veio a publicar-se (página 29-Idem):

«E' incrivel que um pequeno que aos dez annos lia romances no collo das tias supra mencionadas sahisse tão adulta e descompassada besta»!

Mas entre o primeiro e o segundo período lê-se:

«Se não é um burro transcendente que faz metamorphose na crysalida de garoto, então é um Pina que cultiva miseravelmente o primeiro anno de instrução primária e escreve: «E' por tudo isto que eu tenho muito dó *de si.*» De si, ó alarve!»

Tomás da Fonseca

Não se conteve..

A página 248 escreveu Camilo:

«Diz que os meus romances são do tempo em que se curavam as constipaçoens, etc. Para as constipaçoens do sr. Pina a veterinária não tem adiantado nada é o sedenho fumigaçoens de enxofre e pó do mesmo na maquia da fava. Se com isto não debelar as pulmoeiras.»

Entrelinhou «velho», apôsto a «sedenho». O «não» final encontra-se antecedido e seguido de «se», que está cortado. Vê-se bem que hesitou em dar à oração o sujeito *snr.ª Mariana* ou pulmoeiras...

A final veio a publicar-se:

«Diz que os meus romances são do tempo em *que as constipações se curavam com cozimentos de passas e chá de flores de borragem e herva cidreira.*

«Este synchronismo tem uma profunda critica dysentherica. Para as constipações do snr. Mariano Pina, a veterinaria não tem adiantado nada: é o velho sedenho, exhalações de enxofre e pó do mesmo na maquia da fava.»

As diferenças entre o original e o publicado são portanto: 1.º — Completou a transcrição do remoque de Pina; 2.º — Aumentou: «Este synchronismo tem uma profunda critica dysentherica»; 3.º — Substituíu «sr. Pina» por «snr. Mariano Pina» e fez a necessária pontuação; 4.º — Substituiu «fumigaçoens de enxofre por «exhalações de enxofre». E à frase «Se com isto não debelar as pulmoeiras», com que começava novo período, eliminou-a.

Na página 249 escreveu:

«Que os meus livros vão ser vendidos a 80 reis o kilo por que não pertenço á renovação das litteraturas feitas pelos snrs. etc. Quer-me parecer que alguns dos explêndidos escriptores nem cosidos responderão ao incenso de Pina como Horácio...» *(o resto é indecifrável).*

O original não tem emenda nem entrelinha.

Veio a publicar-se:

«*Diz que os meus livros vão ser vendidos o 80 reis o kilo; que estou velho e doente; que tenho bostellas, cróstas, pustulas, pus; que sou patriarcha d'uma escola que desappareceu como ha 46 annos o governo despótico; que a escola realista assistiu serena ao encovamento das meninas dos meus olhos.*

....

«Diz que me lastima *porque a sciencia augmentou, reformou-se*, e eu não sou da roda dos reformadores Eça de Queiroz, T. Braga, R. Ortigão, G. Junqueiro. B. Moreno. Alguns dêstes nomes, representativos de talento extraordinario, devem responder ao incenso de Pina como Horacio aos philtros de Canidia. Se tem olfacto latino, fareje o verso:

«*displosa sonat quantun vesica, pepedi*
Diffissa nate ficas.»

E' fácil conjectur que Camilo, quando escrevia no exemplar do *Galicismos*, não tinha diante dos olhos os artigos de ataque de Pina ou de Barreiros: se houvesse dúvida, a comparação dos textos bastaria para a dissipar.

O que escreveu no *Galicismos* é, em geral, menos agressivo que a forma definitiva que compôs com os artigos dos seus adversários à vista. Dir-se-ia que, relendo-os, aumentava mais e mais a sua indignação, se erguia mais alto a sua cólera.

Assim, entre os períodos que acabamos de transcrever e que evidentemente tem sua origem nos que estão no *Galicismos*, meteu outros bem edificantes:

«Conta historias infantis de familia. Que quando tinha dez annos, lia os meus romances sentado no collo de umas tias. Como era precoce e gaiato! Aos dez annos já lia romances sentado no collo das tias! Eram umas tias, diz elle, que se alumiavam com candieiro de tres bicos, porque os meus livros são anteriores ao petroleo e ao gaz.

«Pobres velhas tias com um mariola de dez annos no regaço! Como não havia de sahir palerma um madraço que aos dez annos cavalgava as pernas sovadas das bôas velhas!»

Parecia ter findado, salvaguardando de injúria as velhas, que aparecem na questão como Pilatos no Credo, quando, em novo repelão, insòlitamente prossegue:

«A respeito das serêsmas das suas tias temos conversado. Estes Pinas, tanto os machos, como as fêmeas, acho que eram uma curiosa família de idiotas!»

Não tem comentário. É a fúria brava!

A maior parte dos apontamentos de Camilo para o artigo sôbre Artur Barreiros encontram-se no verso da página 399 do *Galicismos*. São também a lápis.

Escreveu:

«Lá vou brevemente, resolvido a deitar-lhe o laço, segundo a sua espécie.»

Entrelinhou — «dar-lhe nozes».

Veio a publicar em *Os Críticos do Cancioneiro*:

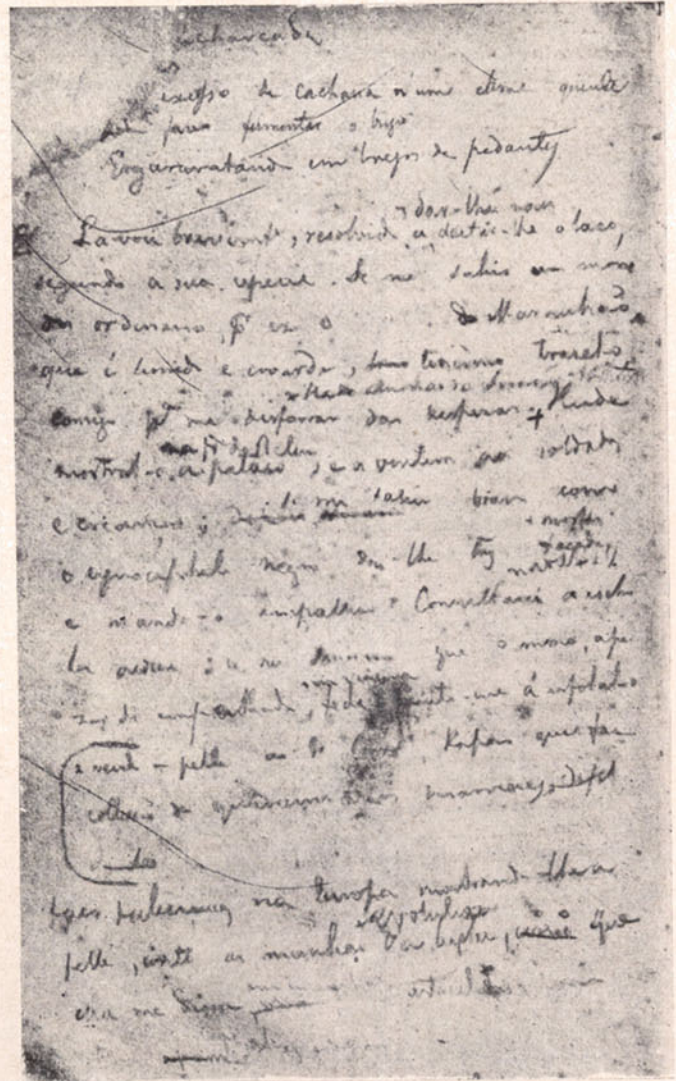
«Eu lá vou brevemente, resolvido a dar-lhe nozes e caçal-o no cabaço.»

Escreveu:

«Se me sahir um mono dos ordinarios por exemplo o... (deixou um intervalo, para a designação da espécie) do Maranhão, que é tímido e covarde, tenciono trazel-o commigo para me desforrar das despezas.»

Entrelinhou: «vivo» sôbre «trazel-o».

Em definitivo, publicou-se:

«Se me sahir um mono vulgar, pacifico, o *simia satyrus* de Cuvier, com o focinho proeminente, sem nadegas, sem unhas nos pollegares

A execução de Simão Artur

dos pés, tenciono trazel-o commigo para me forrar das despezas da viagem.»

Assim desistiu de «mono do Maranhão», indicando o *simia satyrus* de Cuvier, juntando-lhe os seus característicos, e suprimiu o adjectivo «vivo».

Em entrelinha juntara: «Ha de chamar-se Simão Arthur».

Veio a publicar-se: «Ha de chamar-se Simão Arthur, seu pandego!» tornando mais *directa* a agressão.

Continua o rascunho: — «Hei de mostral-o a pataco, e a vintem aos soldados e creanças...»

Entrelinhou — «na feira de Belem».

Publicou-se: — «Hei de mostral-o na feira de Belem a pataco; para soldados e crianças vinte reis».

A seguir escrevera: — «Depois veremos», mas riscou essas palavras. E prosseguiu: — «se me sahir bravo como o cynocephalo negro dou-lhe tres facadas e mando-o empalhar.» Sôbre a palavra «facadas» entrelinhou «mortaes» e, abaixo, escreveu «navalhadas».

Publicou-se:

«Se me sahir feroz, de bochechas papudas, focinho longo e crista nas sobrancelhas, emfim, um cynocephalo, então faço-o rebentar com tres pontapés d'um pujante carroceiro do Minho, e mando-o empalhar ao Justino de Jesus Caxias, da rua dos Invalidos.»

O cinocéfalo tinha de ser morto cruelmente: propôs-se Camilo a matador; primeiro escolheu a faca, perante a navalha hesitou... Entretanto, veio a passar pela frente da sua janela algum carreiro do Minho, e as coisas tomaram outro rumo: Camilo cometeu-lhe a emprêsa...

Continua:

«Consultarei a eschola medica: se me disserem que o mono, apesar de empalhado, fede, limito-me a esfolá-lo, e vendo a pelle ao sr. Paiva Raposo que faz colecção de quadrumanos mamaes.»

Entrelinhou, sôbre «fede», «na viagem», e separou no período as palavras — «e vendo, etc.»

Publicou-se afinal:

«Ouvirei a opinião dos doutores Pereira Neves e Sousa Lemos, medicos da policia. Se elles me disserem que o macaco, apesar de empalhado, fede em viagem, limitar-me-hei a esfolal-o e trago a pelle. Se o snr. Paiva Raposo, que faz colecção de folles de quadrumanos mamaes, não tiver a espécie, dou-lha. Elle tem o macaco longimano (o *simia lar*); tem o cinzento *(simia cinera)*; tem o chimpanzé *(simia troglodytes)*; tem o saitaia do Pará, o mico, o mariquinha do Maranhão, tem os variados monos patazes de nadegas callosas, e cabeça chata; possue com grande estima o papião, o mandril, o bugio pongo, os diversos macacões garibas de rugido medonho e tambor osseo na guela: falta-lhe o gorilha--Arthur, o *simia azinus* de Buffon.»

248 LUSITANIA

nos classicos juncto a outros adverbios ou adjectivos, significando *quantidade*, v. gr. em Paiva, *Casam. Perf.* c. 6, « *bem mais quieto* » em Bernardes, *Rim. Sagr.* « *bem melhor dia* », em Barreira, *Trat. da Signif. das Plant.* p. 835 « *bem d'antes lhe tinha prognosticado* », em Fernão Alvares, *Lusit. Transf.* l. 2, pros. 9, » *bem juncto de um peneda* » etc., etc. Porêm a affectada frequencia póde fazer reprehensivel uma expressão, que aliás é boa e classica.—*S. Luiz.*

Bem-ser (*bien-être*). — E' gallicismo e má traducção; porque o verbo *être*, n'esta expressão, refere-se ao *estado*, e não á *essencia* ou *existencia*; e quando se julgasse necessario traspassal-o tam litteralmente, devera dizer-se *bem-estar* (como dizem hoje os castelhanos) e não *bem-ser*. Em portuguez corrente podemos traduzil-o por *prosperidade*, *felecidade*, *boa fortuna*, talvez *commodidade*, etc., etc. Temos comtudo analogamente *bem-fazer*, *bem-querer*, *bem-viver*, etc.—*S. Luiz.*

Bizarro,. *Bizarramente* (*bizarre*, *bizarrement*)—com a significação de *extravagante*, *extravagantemente*, i. é. *que se aparta do uso e termo commum de proceder*, sam puros gallicismos. de que não temos necessidade. *Bizarro*, *bizarria*, *bizarramente*, em bom portuguez significam *loução*, *louçania*, *galhardo*, *galhardia*, *galhardamente*, e tambem *brioso*, *generoso*, *franco*, *liberal*, *primoroso*, etc.— *S. Luiz.*

Boa-manhã (*de*)—E' má traducção do francez *de bon matin*, que diz tanto como o portuguez corrente *de madrugada*, *muito de madrugada*, *de manhã cedo*, na

Mais uma zarguunchada no Pina

No rascunho escrevera com bastantes emendas, ainda sem saber o que fazer da pele: — «...faço preleçoens na Europa mostrando-lhe a pelle, conto as manhas da besta evolutiva, o que ella me disse em guinchos articulados, como consegui caçal-a...» mas, de-certo para não complicar, vendeu simplesmente o coiram e ao sr. Paiva Raposo.

E não ficou mal. Tal como veio a publicar-se, a página é talvez das mais trabalhadas de Camilo.

Vêem-se ainda notas incompletas: — «mas que não vou, sirva-se de...», «popularmente zoologica de Simão»... «Um excesso de cachassa num clima quente pode fazer fermentar o bugio»...

Num ponto, escreveu só: «Tapuya caápora degenerado», noutro, compôs já: «É um tapuya caápora degenerado, mas deve ter algumas luzes de linguagem».

Disto, ainda parte foi aproveitado:

«Como homem selvagem, Arthur, á parte o nome romantico que lhe deram na pia, devendo chamar-se Tujucane ou Jararáca, é um um tapuia caápora degenerado».

E do apontamento — «o que elle me disse em guinchos articulados», fabricou: — «Se o fulo mulato ainda tem algumas tradições glossologas dos velhos guinchos articulados dos seus antepassados, deve perceber a lingua tapuia . »

O livreiro Chardron instava pela imediata remessa da prosa... Teve sorte Artur Barreiros, o Simão Artur, de Petropolis. Foi o que lhe valeu!

Porque veio a escrever Camilo os apontamentos, aproveitados para o 2.º artigo sobre Mariano Pina e para o artigo sôbre Barreiros, nas margens de um livro que parecia estar bem longe do recontro literário do *Cancioneiro?*

Explica-se o caso.

Como Mariano Pina houvesse empregado a palavra *vergalhar*, Camilo, no seu 1.º artigo, zurzira-o:

«Diz que «vergalhei os modernos poetas.» E mais nada que desafie o uso do instrumento de que se faz o azorrague que lhe serviu para aquelle verbo de cavalhariça. Eu nunca vi tal palavra fóra dos diccionários, nem sei se o calão dos bordeis a usa. O snr. Pina, quanto a linguagem, sobre ser ignorante, é porco.»

Pina contra-atacou, acusando-o de haver escrito tambem — «bimbalhadas de sinos».

Agora, no seu 2.º artigo, o autor do *Cancioneiro* responde:

«Tambem me dá um quinau em linguagem. Diz que eu, onde quer que fosse, escrevi —*bimbalhadas dos sinos*; e acrescenta: Isto sim que é decente, que é moral, que é delicado!

«Vou responder, mas não á snr.ª Mariana: é ao snr. Pinheiro Chagas, que em um folhetim antigo me malsinou aquella phrase, porque a considerou derivativa d'um vocabulo chulo que não estava na mente dos velhos escriptores portuguezes que a usaram. A phrase encontra-se na *Choix de phrases metaphoriques, élégances, idiotismes, proverbes, etc. extrait des classiques portugais les plus estimés*, por José da Fonseca, professor da lingua portugueza. Paris, 1857.

«Constancio: *bimbalhada de sinos*, «o toque e estridor de muitos soando ao mesmo tempo».

«Fr. Domingos Vieira: bimbalhada de sinos», o toque de muitos sinos ao mesmo tempo».

Roquette: *bimbalhada de sinos*, «som de muitos».

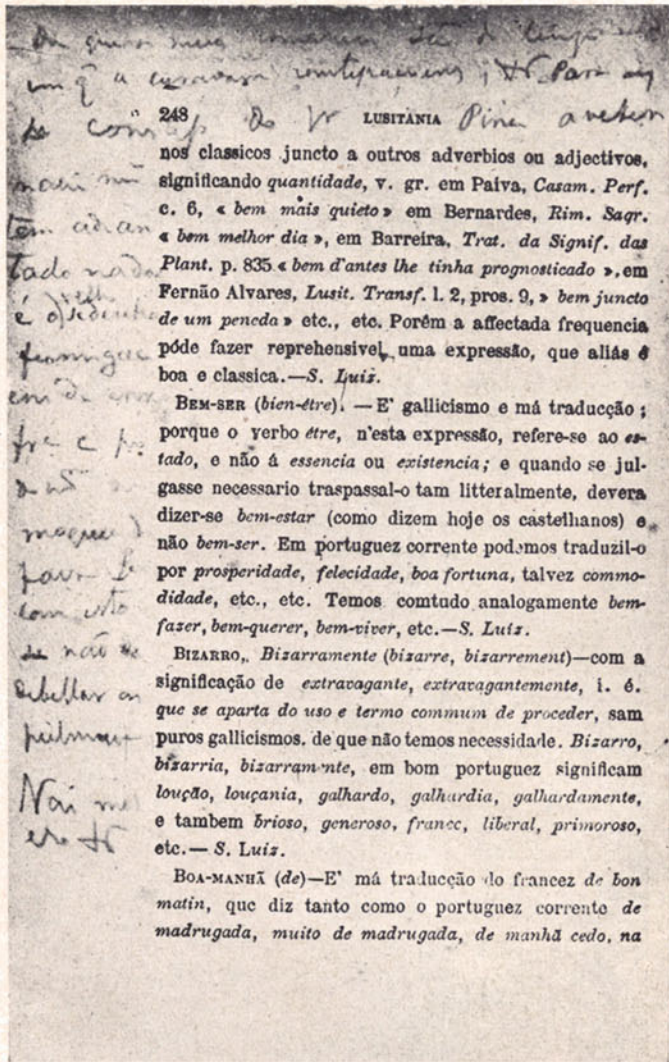
«Não procede do termo vil que se figurou ao meu erudito amigo Pinheiro Chagas: é transplantação onomatopaica do francez: *Brimbaler, secouer des cloches*.

«A phrase é precisa. Quando se quer dar uma idéa remota dos folhetins de Pina, é preciso chamar-lhes uma *bimbalhada de asneiras*».

Camilo botara a livraria abaixo, para castigar o adversário. Em vão procurou no *Galicismos*, mas procurou. As notas sôbre Pina estão escritas a lápis, nas margens das páginas de 246 a 249, e na página 244 começam as palavras da letra B, na parte que contem um *Glossário das palavras da lingua franceza que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna...*

Procurando, e não encontrando, Camilo, na nervosidade do combate, prêsa a êle tôda a imaginação, de lápis em punho descaíu sôbre Pina, e sem mais detenças lhe foi fazendo a cama, ali mesmo.

Ele que costumava dizer: «Quem melhor as tem, melhor as joga.. »!

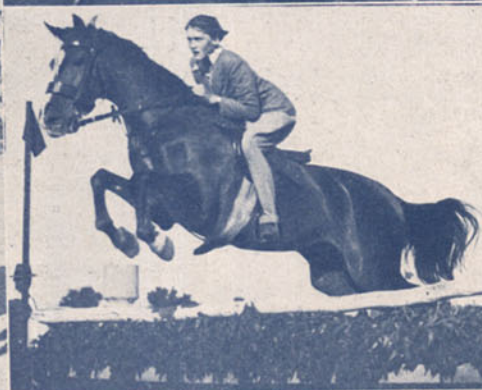
Ninguem as jogou melhor e melhores do que Camilo!

Lopes d'Oliveira.

O Concurso Hípico Internacional de Lisboa

teve êste ano grande animação e foi disputado com ardor

O Concurso Hípico Internacional, que se realizou em Lisboa no mês findo, teve excepcional animação, devido em grande parte à participação da valiosa equipa militar espanhola. Aqueles nossos hóspedes foram prestadas numerosas homenagens, que traduziram o muito apreço em que o Exército espanhol é tido no nosso país. Assim, o director da Arma de Cavalaria, sr. general Vieira da Rocha, ofereceu-lhes no dia 17 do corrente um almôço no Avenida Palace, e idêntica homenagem lhes foi prestada pela Sociedade Propaganda da Costa do Sol.

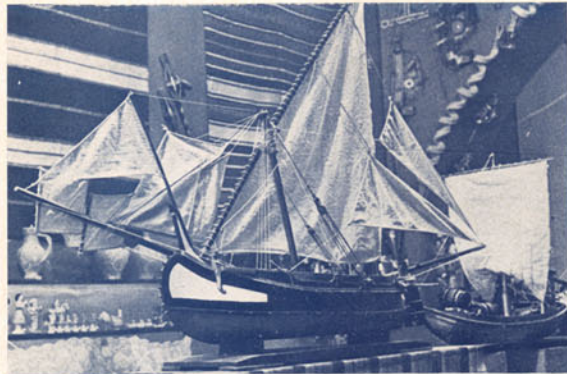
No Palácio da Embaixada de Espanha também os cavaleiros espanhóis foram homenageados com um banquete

Ao alto: *Um salto do tenente Helder Martins.* **A' direita**: *Os concorrentes antes duma das provas e a equipa militar espanhola com o sub-secretário do Estado da Guerra*

As concorrentes mais classificadas na prova «Diana» e ao lado, um salto de Conchita Cintron. **A' direita**: *A assistência ao banquete oferecido pelo sr. embaixador da Espanha*

oferecido pelo ministro do seu país, sr. D. Cláudio Sanchez Albornoz.

As provas mais importantes do Concurso foram o «Grande Prémio de Lisboa», ganho pelo espanhol D. António Guzman, em que se classificou em 2.º lugar o português Machado Faria, e a «Taça de Honra» que coube ao espanhol D. Abdon Turrion, classificando-se a seguir Helder Martins, que ganhou por sua vez a prova «Sociedade Hípica».

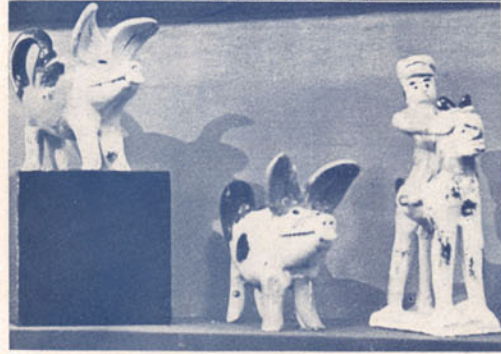
A prova «Diana» para senhoras suscitou grande interêsse e terminou pela vitória de D. Delly Lubini que fez o percurso sem faltas.

O chefe e oficiais da equipa espanhola ofereceram no dia 22 um almôço a várias entidades militares portuguesas e à direcção da Sociedade Hípica.

A Exposição de Arte Popular Portuguesa

admirável documentário que nos reve alma e a inspiração do nosso povo

A arte popular portuguesa, fonte de tanta maravilha, teve agora a sua consagração numa exposição que obteve o mais merecido êxito, atraindo milhares de visitantes. Tudo o que o povo realiza pelos seus processos ingénuos e primitivos, em que há a frescura da inspiração, ali se encontra representado: as artes da madeira, da cortiça, do osso, do chifre e do papel; os barcos, carros, jugos e jaezes; a cestaria em vime, palha, palma e esparto; as construções e esculturas; os artigos de iluminação e os instrumentos musicais; a olaria e a ourivesaria; as tapeçarias, rendas e tecidos; e finalmente os trajos, representados por uma colecção de manequins miniaturais. Admirável colecção de documentos etnográficos que importa conhecer.

Modêlo de barco de pesca do alto, cedida pelo Aquário Vasco da Gama. A' direita: *Tronco de madeira de buxo, talhado em forma de torre*

Poveiro com trajo de «pole» e apetrechos

Em cima, à esquerda: *Figuras do presépio em barro pintado de Extremoz, obra de concepção e colorido ingénuos, mas em que se revela latente um grande poder decorativo.* A' direita: *Fundo de papel de seda recortado para armação de doces, trabalho de incomparável minúcia e paciência*

■

A' esquerda: *Bonecos de barro pintado de Extremoz, duma factura primitiva, reproduzindo motivos da vida provinciana: porcos e cavaleiros, estilizados pela imaginação popular.* A' direita: *Poveira em trajo de «pole» com todos os apetrechos da sua vila*

ILUSTRAÇÃO

Em cima: *Juro ou canga, com suas coleiras, peaças e tamoeiro, de madeira envernizada, decorada de vazados, tendo ao centro uma cruz com os dizeres «Barcelos-Portugal».* A' esquerda: *Cantarinha dos Namorados, curiosa peça de olaria, proveniente de Guimarães*

■

A' esquerda, em baixo: *Modelos de trajos populares: Capucheira do Caramulo, Patrão do Salva Vidas da Povoa de Varzim e Poveira com trajo domingueiro, da Povoa de Varzim.* A' direita: *Mulher com o trajo da festa dos Tabuleiros, de Tomar.*

A' esquerda: *Mais trajos populares: Galinheira, tipo de Lisboa, e Tricana de Coimbra. Manequins realizados com sumo gôsto, rigor de pormenores e absoluta perfeição, que mereceram da Imprensa estrangeira as mais elogiosas referências quando da exposição da Arte Popular Portuguesa nas Galerias Moos, em Genebra*

■

A' direita: *Duas peças de barro pintado duma colecção de cinqüenta e uma, representando figuras humanas, animais domésticos e objectos de uso cotidiano. Cerâmica de Barcelos, policromada em tons vivos, em que deve sobretudo admirar-se a deformação que o artista imprimiu à representação plástica dos seus modêlos*

Túmulo de prata e cristal que encerra o caixão contendo o corpo interrupto da Rainha Santa, hoje no altar da igreja de Santa Clara

UMA LENRACIOSA

A RAINH SANTA E ASOSAS

A cidade de Coimbrnteia a sua gratidão

COIMBRA, a formosa cidade dos doutores, vai festejar pomposamente o 6.º centenário da sua querida Rainha Santa que, segundo as crónicas, faleceu no dia 4 de Julho de 1336.

Nada mais justo, nem mais sincero. A encantadora cidade do Mondego cumpre um sagrado dever de gratidão. Foi adentro dos seus muros vetustos, numa era milagrosa, que o casamento da bondosa princesa de Aragão teve a comemoração mais entusiástica. Se o povo de Coimbra, levado por essa poderosa intuição que nunca se ilude, festejou tão do fundo de alma a nova rainha, é porque adivinhou nela o muito que lhe havia de ficar a dever.

Dentro em pouco, a rainha, apesar do verdôr dos seus dezassete anos, começou a espalhar o bem, numa ânsia sempre crescente de tornar feliz um povo que tão carinhosamente a recebera.

Fundou asilos para as jovens que impelidas pela miséria, seriam arrastadas para uma vida de desgraça, e dotava as órfãs que, por falta de meios, não poderiam vêr realizada a grata aspiração de ter um lar. Junto do convento de Santa Clara, criou um hospício para as órfãs dos lavradores, que, na sua maioridade, saíam para casar, possuidoras dum dote em terras a que teriam de dar cultivo.

Como se vê, o que D. Leonor havia de realizar mais tarde com a fundação das Misericórdias, teve os seus alicerces na obra da caridosa rainha Santa Isabel.

Por isso, Coimbra a festeja.

Ainda temos no ouvido aquela deliciosa quadra popular que, há muitos anos, as raparigas cantavam em ar de prece humilde, mas que ostentava mais imponência que o mais orquestrado *Te Deum*:

Rainha Santa Isabel,
Quem dera o teu avental
Para em rosas transformar
As águas de Portugal.

Coimbra volta a festejar a sua amada rainha, e, se recorda ainda o milagre das rosas, não é para fazer avolumar a fama de avareza com que uma tradição urdida sôbre falsidades atribuiu ao generoso D. Diniz que sempre patenteou a liberalidade mais franca, quer pagando generosamente aos moradores de Trancoso tôdas as despezas feitas com o seu casamento, quer enchendo de benefícios e mercês a Cidade Universitária.

A lenda das rosas de Santa Isabel de Portugal, à semelhança de tantas outras lendas idênticas que iluminam auréolas gloriosas a variadíssimas princesas, pode ser admitida apenas no sentido simbólico.

Não se refere a um episódio da vida da Santa Rainha que, para iludir a usura do marido, transformasse em flôres as esmolas que tencionava distribuir pelos desprotegidos da fortuna, mas a tôda a piedosa existencia que arrastou através dêste mundo de amarguras.

A sua abada de rosas, tão viçosas e perfumadas ao cabo de seiscentos anos, dá bem a ideia, numa síntese sublime, da grandeza de alma dessa princesinha aragonesa que os interesses do Estado, nem sempre compreensíveis, enviaram, numa formosa tarde de Julho, para Portugal, como para um exílio.

Quási três séculos antes, uma outra princesa havia sido considerada a protagonista duma lenda idêntica à atribuída à esps pelos presos, se transformavam novamente
de D. Diniz. pão. Em face dêste prodígio, o monarca severo

Segundo as velhas crónicas, reinando em Tola mais pôs entraves ás tendências caritativas
o poderoso Al-Mamun ben Ismail, as suas vitóua filha. E, assim, a vida dos pobres cativos
sôbre os cristãos atulharam de prisioneiros as meçou a decorrer em maré de rosas, como se
môrras de Alcáçar. A princesa Cacilda, filhaala.
Al-Mamun, compadecida dos cativos que soltas não param aqui as lendas dêste género.
vam a sua desgraça por entre as mais duras inta Isabel da Hungria, tia-avó da nossa Santa
vações, impôs a sua autoridade aos guardasel, teve também o seu milagre das rosas, que
cárcere, e começou a levar aos desgraçados tontado assim por Montalambert:
os alimentos e confôrto ao seu alcance. O sabel sentia grande contentamento em levar
avisado do procedimento da filha, quís certificapobres, na abada de seus vestidos, não só di-

da denúncia recebida, e, um dia, saíu-lhe ao encontro, surpreendendo-a na sua piedosa missão. A princesa caminhava a
custo, segurando uma enorme abada de esmolde e albergues dos vales vizinhos. Um dia, em
— Que levas aí? — preguntou o rei, carregan descia, acompanhada pela mais dedicada das
o sobrecênho.

— Rosas, meu pai! — respondeu a donzela. a existe, conduzindo, envoltos no manto, pão,
E, entreabrindo a aba, mostrou ao rei marae, ovos e outros alimentos destinados aos seus
lhado, rosas vermelhas e tão viçosas como seres, encontrou-se, de repente, face a face, com
vessem sido colhidas naquêle instante. marido que regressava da caça. Admirado de
Acrescenta a lenda que estas rosas, ao serem a espôsa oprimida pelo pêso do fardo, disse-lhe:

nheiro, mas alimentos e agazalhos. Assim carregada, atravessava os escabrosos e desviados atalhos que conduziam do paço à

«— Vejamos o que levais.

"E ao mesmo tempo abriu violentamente o manto que a rainha, amedrontada, aconchegava ao seio; mas apenas encontrou rosas brancas e vermelhas, das mais belas que em sua vida logrou vêr.»

Ora, a lenda das rosas de Santa Isabel de Portugal é contada de várias maneiras.

Eis uma das muitas variantes:

Mandando Santa Isabel reedificar o convento de Santa Clara de Coimbra, quis premiar a canseira dos afanosos operários.

Nessa intenção dirigiu-se para o local da obra, conduzindo uma abada de dinheiro em oiro. Foi surpreendida, a meio do caminho, pelo rei D. Diniz que lhe preguntou:

— Que ocultais no regaço, Senhora?

— São rosas! — respondeu Santa Isabel.

E, abrindo a abada, mostrou rosas.

Ainda outra variante que coloca D. Diniz em melhor posição:

Uma tarde, em Alenquer, passando pela rainha uma camponesa com um ramo de flores na mão, a soberana mandou-lhas pedir por uma serviçal. Dali Santa Isabel dirigiu-se ao local onde se estava a edificar, por ordem sua, um templo, e, entregando a cada um dos operários uma rosa, salientou-lhes que assim ficava pago o salário daquele dia. Tomaram os trabalhadores a dádiva da flor à conta de gracejo, e só como oferta da rainha a guardaram. Pouco depois, as rosas transformaram-se em dobrões de oiro.

Como o milagre tivesse constado a D. Diniz, êste mandou chamar os operários, e certificando-se do prodígio, disse à rainha que, se lhe escasseavam os meios para a edificação do templo, dali em diante as obras seriam subsidiadas pelo cofre da fazenda real.

A memória de Santa Isabel merece um culto especial porque foi boa e caridosa, porque espalhou todo o bem que pôde por todos os desgraçados sem arrimo, e ainda por tudo quanto fez em pról da pacificação dos portugueses que, arrastados por ambições mesquinhas, se empenhavam numa guerra civil que ensangüentava o país inteiro.

Foi o anjo da paz e da caridade, e por isso merece a nossa veneração.

O milagre das rosas, êsse pode servir para inspiração dos poetas que, ao verem passar uma vendedeira de flores, pobrezinha e formosa, lutando tão cêdo por uma vida tão afadigada que não merecia, lhe murmuram, num curioso trocadilho cheio de unção e ternura:

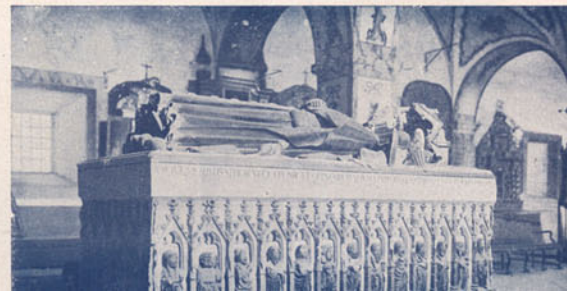
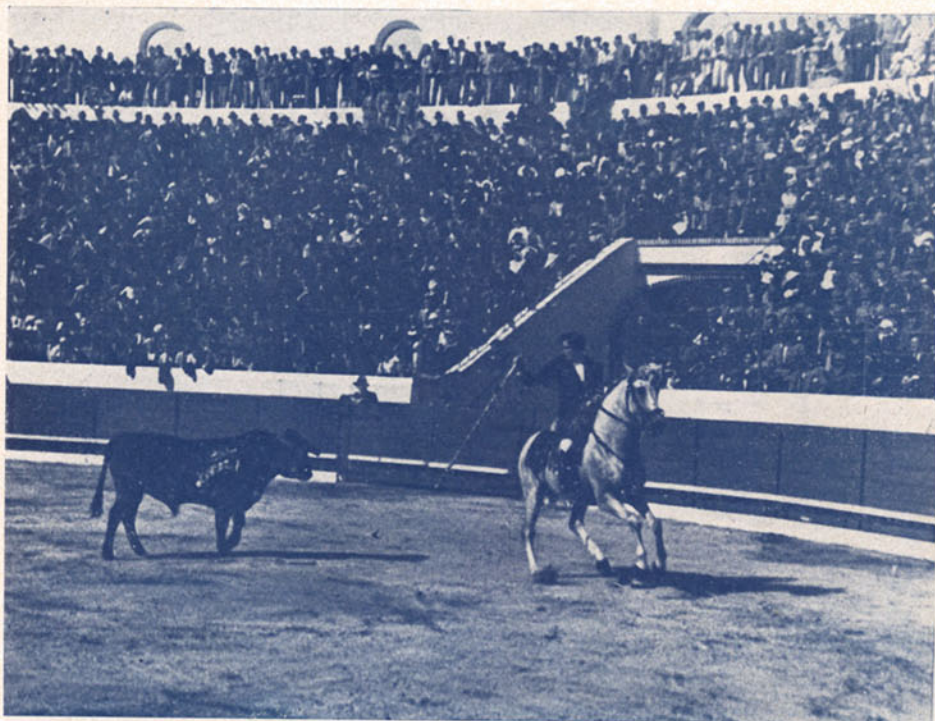
Tu lembras florista airosa,
Santa Isabel de Aragão,
Ela do pão fez as rosas,
Tu das rosas fazes pão.

Coimbra vai festejar a sua querida Rainha. Bem haja pela sua gratidão!

Gomes Monteiro.

A morte de Santa Isabel

A Rainha Santa Isabel, segundo uma estampa de 1621

Mausoleu que a Rainha mandou, em vida, lavrar e está no côro baixo de Santa Clara-a-Nova

CONCHITA CINTRON
ROJONEADORA DE 13 ANOS

A corrida de touros realizada na Praça de Algés no dia 7 do mês findo teve como principal atracção a apresentação da jovem toureira Conchita Cintron, de 13 anos de idade.

Conchita Cintron, que é norte-americana, dedicou-se à perigosa arte de lidar touros, sob a direcção do grande equitador e lidador tauromáquico D. Rui da Camara (Ribeira Grande). A sua coragem e entusiasmo juvenil permitiram-lhe tirar das lições do mestre o maior proveito, encontrando-se assim em condições de se apresentar como uma rojoneadora de merecimento.

A sua lide de dois garraios deixou por isso a melhor impressão no público pelo aprumo, desembaraço e valentia que manifestou. Daí os aplausos que coroaram as fases do seu trabalho, que o público seguiu emocionado.

Conchita Cintron não voltará a apresentar-se ao público, entre o qual deixa contudo muitos admiradores. O seu caso, que é único na tauromaquia, tanto pelo sexo como pela idade, é afirmação brilhante do espírito de conquista que anima a mulher de hoje.

As nossas gravuras representam, à esquerda, uma fase da lide, em baixo, Conchita Cintron num dos intervalos da corrida.

Num século em que os homens parecem fraquejar na sua coragem varonil, não é descabido que apareça uma mulher a dar-lhes o exemplo.

E, para exemplo, até a arte de tourear serve.

GIMNÁSTICA RÍTMICA

Está pouco desenvolvida entre nós a gimnástica rítmica, uma das mais belas manifestações da cultura física e, sem dúvida, a que mais convém à mulher. É caso para o lamentar, pois a gimnástica rítmica, a par do desenvolvimento harmónico do corpo, tem a função de cultivar o sentido estético, que tanto interêsse e cuidado deve merecer.

Esta circunstância mais valiosa torna as raras manifestações que dessa modalidade de cultura física se apresentam. No sarau escolar do Liceu Municipal da Figueira da Foz um grupo de alunas exibiu alguns exercícios de gimnástica rítmica que agradaram muito. A gravura que encima estas linhas apresenta um aspecto dessa exibição.

SANTOS POPULARES

As festas dos Santos de Junho mantêm nos bairros populares todo o seu caracter e pitorêsco. Nas noites de Santo António, S. João e S. Pedro, armam-se em certas ruas os arraiais da tradição, em que a única nota modernista é a iluminação eléctrica, a substituir os antigos côtos dos balões. A música anima um baile em que os pares dançam indiferentes ao trânsito. E é êste um dos raros aspectos da vida popular que a civilização não contaminou. A gravura da direita mostra um aspecto do arraial na rua da Barroca em que se folgou com uma animação estrondosa até altas horas da manhã. Para o ano sucederá o mesmo e assim continuará a ser pelos séculos fora.

CURIOSIDADES DO ESTRANGEIRO

Pai aos 96 anos

GEORGE ISAAC HUGHES está causando sensação entre os médicos dos Estados Unidos: acaba de ser pai com a bonita idade de 96 anos. Sua mulher, que conta apenas 28 anos, presenteou-o no dia 3 do mês findo com uma menina.

Já há dois anos, Isaac Hughes provocou igual estupefacção nos meios científicos. Tinha então 94 anos e o nascimento dum seu filho foi considerado como um facto invulgar. Acaba porém de ultrapassar o seu próprio «record», o que se afigura inexplicável.

A gravura mostra o nonagenário, tendo ao colo um filho de dois anos e ao lado a esposa com o recem-nascido. O mais curioso é que, como Isaac Hughes é casado em segundas núpcias, as duas crianças têm um irmão com 63 anos de idade.

Armas contra o fogo

NUMA exposição alemã foi apresentado o dispositivo para bombeiros que a nossa gravura da esquerda representa. Um chuveiro colocado sôbre a cabeça rodeia o homem com um veu de água, o que lhe permite acercar-se muito mais do foco do incêndio e resistir a altas temperaturas.

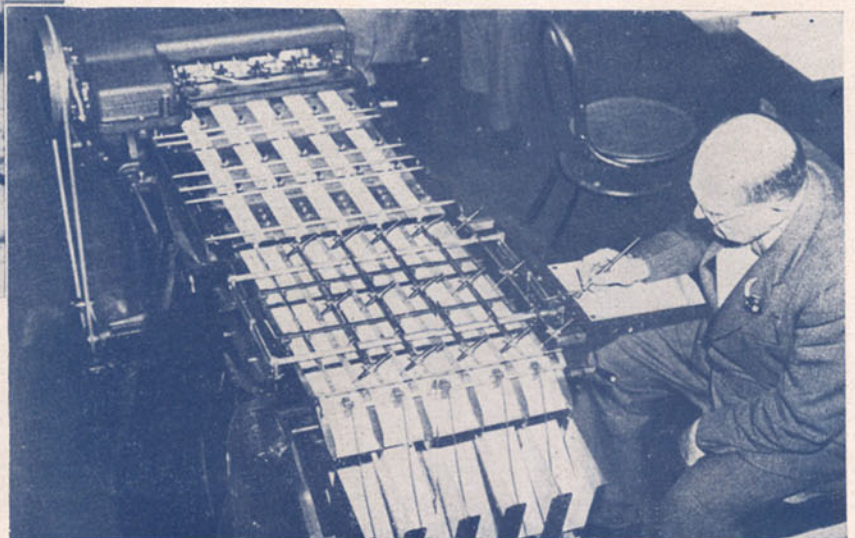
Dramas da vida animal

As seis imagens que encimam estas linhas ilustram a triste história dum ratinho branco que se acercou imprudentemente duma serpente. Mal impressionado pelo estranho encontro o infeliz roedor ainda tentou escapar-se. Mas era demasiado tarde e a última fotografia mostra-o já a caminho do estômago do réptil. A cena foi fotografada na Exposição Nacional de Serpentes há pouco realizada em Nova York.

Dois milhões de assinaturas

O Estado norte-americano acaba de conceder um bonus aos ex-combatentes. São dois milhões de cheques que se torna necessário distribuir. Este número dá ideia da esmagadora tarefa que incumbe ao Tesouro. Para assinar êsses cheques inventou-se esta máquina. O alto-funcionário a quem incumbe a pesada missão assina um dêles e quinze canetas ligadas electricamente reproduzem a sua assinatura. Mas nem por isso, deixa de ter trabalho para muito tempo. A fotografia reproduzida à direita mostra o engenhoso aparelho que tem o singular nome de «sineografo». É mais um dos aspectos da mecanização da vida no Novo Mundo. Vem ainda a propósito dizer que a distribuição dêstes cheques pelo correio criou um tal excesso de serviço que foi preciso contratar especialmente para êsse fim cerca de 200 funcionários. Na América as coisas fazem-se assim...

FIGURAS DO PASSADO

FLORBELA ESPANCA

Acabei neste instante de reler as cartas de Florbela, escritas há uma dúzia de anos, quando o sol, o pálido sol de uma ante-primavera incerta doirava as vidraças daquela janela na qual ambos nos debruçavamos sôbre a vida: a janela da nossa mocidade.

Acabei neste momento de as reler, fazendo passar pelos meus olhos, maguados pela luta, e pela braza do sonho, as suas frazes amigas, tocadas de uma suavíssima ternura; emolduradas de outono, de esbatidos, de dolorosas incertezas, quiméricas visões de além, frases reveladoras e tristes, escritas em longos instantes de abatimento, criadoras e fecundas, das mais belas de tôda a sua obra.

Pavorosa incerteza a que se colhe, e fica pegada a nós, através da leitura do seu "Livro de Máguas„; o primeiro, o que a revelou aos olhos tresloucados do público.

Paro uns minutos, deixo que os meus olhos tombem ao acaso, em repouso, sôbre as suas frases amigas, e fico-me a soërguer a figura esguia, bem raçada, da poetisa alentejana que a vida de Lisboa tornou mais requintada e possìvelmente, mais triste e ascética.

Eramos ambos estudantes. Ela cursava direito e eu, mais positivo, as medicinas, e ambos freqüentavamos o Campo de Sant'Ana, jardim de goivos que abraça as duas Faculdades, e que religiosamente guarda os dois pinheiros mais lindos, e esguios de Lisboa.

Em certas manhãs de primavera, floridas e mornas, faltavamos às aulas, e ficavamos a conversar nessa outra academia, a natureza, que tem por lente o azul do céu. Florbela, irmã de um amigo querido, que bem cedo a morte arrebatou, o Apeles

Dois artistas que a morte arrebatou, Florbela e Apeles Espanca; dois irmãos que a morte uniu até à eternidade

Espanca, dizia-me versos, enchia de encantamento motivos fúteis, e cuidava com ternura dos canteiros do jardim, que ela julgava seus, feitos para nós.

Certa manhã a Florbela, doente de nostalgia, não voltou. Nunca mais repetimos os nossos passeios, e os pinheiros deixaram de ser dentro de nós motivos de melancolia. O Apeles, interrogado por mim certa tarde, ao subirmos o Chiado, disse-me que ela tinha regressado a Vila Viçosa. Nunca mais a vi, nunca mais a encontrei, e só passei a ter notícias dela, da sua existência, pelos livros que a sua saùdade me enviava.

Um dia, manhã dentro, ao atravessar o Campo de Sant'Ana, numa daquelas jornadas a que sou obrigado pela vida, quando recordava mentalmente meus tempos de estudante, estimulado por um bando de capas negras que passeava ao longe, um amigo comum gritou-me a notícia da morte de Florbela.

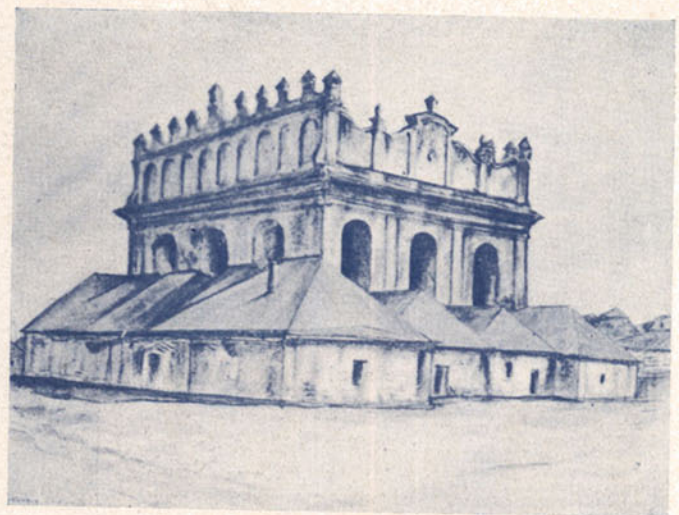
Era manhã de primavera, igual às outras, emoldurada por um idêntico azul de céu, batida por igual aragem, que levemente curvava as hastes esguias das flores.

Transfigurou-se naquele instante o jardim da minha infância. Tinha chovido na véspera.

A inesperada notícia da morte da Florbela, a boa amiga, a poetisa do tédio, enchera-se instantâneamente, de um só golpe, de uma profunda tristeza. Cruzei o jardim ao acaso, e tive pela primeira vez a impressão que a terra das suas ruas, talhadas simétricamente, humedecida pela chuva, naquela manhã alta de primavera, era igual à dos cemitérios, à da morte...

Não sei porquê, porque estranha comparação, o orvalho das flores tinha o perfume das lágrimas, parecia feito de lágrimas.

Augusto d'Esaguy.

UMA EXPOSIÇÃO DE GEORGES K. LUKOMSKI

Georges K. Lukomski, arquitecto desenhador, apaixonado pelas velhas sinagogas, expõe actualmente na Associação da Juventude Israelita de Lisboa os apontamentos que o seu lápis primorosamente colheu, impressionou para a eternidade. As duas gravuras acima são amostras dos seus maravilhosos trabalhos.

FESTAS ESCOLARES

O encerramento do ano lectivo foi êste ano marcado por algumas festas significativas que bem demonstram o cuidado e atenção que o ensino está merecendo às esferas oficiais. No Instituto Feminino de Educação e Trabalho de Odivelas o acto teve a assistência do sr. Presidente da República e ministros da Marinha e Educação Nacional. O Chefe do Estado e os membros do Govêrno percorreram as salas onde se encontravam expostos os trabalhos escolares e manuais realizados pelas alunas do Instituto. No campo de jogos realizou-se depois um programa desportivo que constou de gimnástica infantil, rítmica e sueca, escola de marchas, saltos à corda e um desafio de "basket-ball". Aos visitantes foi depois servido na Sala da Culinária um copo de água confeccionado pelas educandas.

No mesmo dia realizou-se no Colégio Militar a inauguração duma exposição de trabalhos escolares a que também assistiram o sr. Presidente da República e o ministro da Educação Nacional além de muitas outras individualidades de categoria.

Ao alto: *Trecho da Exposição de almofadas, no Instituto de Odivelas.* A' esquerda, ao alto: *O Chefe do Estado apreciando os trabalhos.* Em cima: *A secção de vestidos na Exposição de Odivelas.* A' esquerda: *Exercícios de gimnástica pelas educandas*

A' direita: *O Chefe do Estado à sua chegada ao Colégio Militar*
Em baixo: *Um aspecto das provas*

FIGUR[AS DO] CINEMA

O destino [de G]ary Cooper

constitue a prova do ri[fão "há] males que vêm por bem"

Os incidentes que assinalam a existência de Gary Cooper demonstram uma vez mais a verdade daquele rifão que diz que «há males que vêm por bem». De facto, abundam nela contratempos que, vistos a distância no tempo, devem considerar-se lances felizes e não infortúnios, por ter sido o malogro neles sofrido origem de novas e prósperas situações.

O conhecido actor de cinema nasceu em Helena, povoação de Montana, um dos Estados que formam a grande confederação norte-americana. A sua infância não oferece episódios dignos de referência. A' primeira vista era uma criança pouco comunicativa, mas possuia o dom de se fazer estimar pelos que com êle lidavam. Estas duas feições são ainda hoje predominantes no seu carácter.

Aos nove anos os pais trouxeram-no para Inglaterra. A sua instrução primária fê-la neste país, onde se demorou quatro anos. Regressou depois a Montana e ali freqüentou um curso secundário.

Ocorreu então na sua vida um dêsses acidentes que, infelizes de momento, decidiram no entanto o seu destino. Um grave desastre de automóvel pô-lo em perigo de vida. A sua saude, que já não era muito sólida, sofreu um rude abalo. Interrompeu os estudos e passou a viver numa vasta fazenda do pai. Habituou-se ali a montar como um autêntico cow-boy e a manejar o «lasso» na perfeição. Este facto havia de ser decisivo para a sua entrada no cinema.

Adquirida plena robustez, terminou os estudos. Tinha chegado o momento de optar por uma carreira. Gary Cooper escolheu o desenho para que sentia viva inclinação e em que revelou aptidões pouco vulgares. O seu primeiro emprêgo foi como ilustrador dum jornal de Helena. Colocação mais que modesta e cujo futuro era, como se calcula, muito limitado, visto tratar-se duma cidade de terceira categoria. Tudo isto o sabia Gary Cooper que, ambicioso e confiante, resolveu tentar a sorte num meio mais vasto.

Um dia tomou o caminho de Los Angeles. Deixava um emprêgo modesto mas seguro e partia a caminho do desconhecido. Animava-o, porém, a ideia de que «quem não se arriscou...»

Gary Cooper numa atitude que lhe é peculiar

Ao dirigir-se assim para a Califórnia, já sabemos que Gary Cooper não tinha a mais pequena ideia de se dedicar ao cinema. Pretendia obter colocação na Imprensa como desenhador, mas só encontrou as maiores decepções. O mais que conseguiu foi ser recebido pelo director dum jornal que o convidou a demonstrar os seus dotes artísticos. Parece, contudo, que êstes não se revelaram prontamente e o lugar foi-lhe negado.

Manifestou-se aqui mais uma vez que certos malogros só o são na aparência. Ao ver baldadas tôdas as esperanças que o tinham trazido a Los Angeles, Gary Cooper tratou de procurar qualquer género de trabalho que lhe permitisse ir subsistindo enquanto se lhe não proporcionava ocasião de impor os seus méritos artísticos.

O primeiro trabalho que obteve foi de angariador de anúncios. Era pouco remunerativo e não tardou em substituí-lo pelo de agente duma fotografia, encarregado de andar de casa em casa para arranjar clientes.

Havia três meses que desempenhava estas funções quando alguem lhe sugeriu que se apresentasse nos estúdios cinematográficos, onde muita gente obtinha trabalho como comparsa.

Seguiu o proveitoso conselho. Mas se a ideia de trabalhar para o cinema lhe despertou quaisquer ambições não tardou decerto em perdê-las. Durante um ano nada mais fez do que servir de figurante anónimo numa dúzia de filmes. Era uma situação obscura, igual a tantas outras, da qual só um acaso feliz o poderia tirar.

Mas êsse acaso produziu-se. Hans Tiesler, produtor independente, reparou nele e confiou-lhe pequenos papéis. Representou de «cow-boy» em películas do «Far-West». Era pouco, mas constituía um progresso notável.

O actor com Sandra Shaw, sua mulher

Foi um dêsses filmes que o chamou à atenção de Schulberg, ao tempo um dos dirigentes dos estúdios da «Paramount». O facto teve importância decisiva na carreira do novo actor, pois é para aquela empresa que Gary Cooper tem produzido quási todos os seus filmes.

Schulberg convidou pois Gary Cooper a comparecer nos escritórios da empresa e êste, devido à impaciência de que se achava possuído, adiantou-se à hora marcada e, devido a um equívoco, em lugar de se dirigir à sala de espera que lhe foi designada, entrou no gabinete onde os dirigentes se encontravam reunidos em conselho.

Apesar da natural perturbação, Gary Cooper manifestou nesse lance um à-vontade que impressionou agradàvelmente os assistentes. E logo acordaram contratá-lo, o que poupou a Gary Cooper o trabalho de se submeter às formalidades pelas quais se determina se o aspirante a actor possui ou não as qualidades requeridas.

Pouco tempo depois, Gary Cooper obtinha um papel de segunda categoria no filme «Asas». Foi o que se chama uma estreia auspiciosa. A seguir, já prestigiado por êste trabalho, desempenhou um dos personagens de «Aquilo», com Clara Bow. A sua celebridade estava feita e daí por diante nada mais lhe restava do que confirmá-la, melhorando cada vez mais os seus recursos de actor inteligente.

Gary junto duma escultura em madeira que se encontra à porta da sua residência e pela qual manifesta grande estima

Os filmes do «Far West» tinham nesse tempo grande voga. Como actor principal nesse género, a «Paramount» designou Gary Cooper. Conhecedor do ambiente e destro nos exercícios que êsses papéis requeriam, era êle sem dúvida a pessoa indicada. Produziu assim uma série de películas que entusiasmaram os cinéfilos dos dois hemisférios.

«Clive of India», uma das suas vigorosas criações

Aos filmes de «cow-boys» sucederam os de «gangsters». Gary Cooper seguiu a moda. E provou que o seu talento nada sofria por abandonar as vastas planícies onde cavalgava. Ao lado de Sylvia Sidney em «Ruas da Cidade», continuou a ser o mesmo actor vigoroso e expressivo, confirmando assim as esperanças que nele depositavam.

Uma das mais expressivas fotografias de Gary Cooper

Em 1931, os médicos aconselharam-lhe a suspender o trabalho por motivos de saude. Gary Cooper aproveitou a ocasião para tomar parte na expedição que, organizada por Jerome Preston e sua esposa, se dirigia para Africa. Tomou parte em emocionantes caçadas. E no regresso, ao referir-se à aventurosa viagem às selvas do Continente Negro dizia: «conveio tanto ao homem como ao actor; ao homem porque o deixou como novo; ao actor porque, ao fazê-lo experimentar sensações insuspeitadas, o habilitou a exprimir melhor as dos personagens que no futuro terá de interpretar».

Os filmes de Gary Cooper são, como vimos, numerosos. Muitos dêles são criações de excepcional categoria, que o impõem como um dos mais notáveis actores do cinema. Queremos aqui destacar — por o considerarmos um dos melhores — «Marrocos», em que, sob a direcção de Josef von Sternberg, contracenou com a grande actriz Marlene Dietrich. Raras vezes se tem reunido no *écran* um par que exprima com tanta intensidade os sentimentos primitivos do amor e da aventura.

Nas suas horas vagas, Gary Cooper continua a dedicar-se à pintura e ao desenho. É um artista apreciável, cujos trabalhos pouco numerosos são bem pagos pelas empresas dos grandes magazines norte-americanos. Na intimidade, deixa de boa vontade de falar nos seus filmes para conversar sôbre a sua arte de desenhador. E por uma série caprichosa de acasos aquilo que tudo parecia indicar dever tornar-se o seu modo regular de vida, é hoje o seu passatempo favorito, nas raras ocasiões em que a vida árdua do estúdio lhe consente ócios.

Com Marlene Dietrich numa cena de «Marrocos»

Como actor Gary Cooper é um dos mais conscienciosos que animam os «écrans». Entrega-se ao seu papel, vive a existencia e as emoções do personagem que lhe compete incarnar, consagra-se ao seu trabalho com uma perseverança raríssima. O escrupulo e ardor que põe nas suas criações explicam o poder de sugestão e vigor das figuras que compõe e que muito outros actores de renome invejam. Não há, na sua já longa carreira, papeis insignificantes, porque em todos põe um cuidado minucioso.

Mas isto, que nos dá a razão do seu êxito, é também a causa da depressão física a que por vezes, sucumbe, e que chega a inspirar sérios cuidados aos seus íntimos. Desportista perfeito, educado na escola rude dos *cow-boys* do *Far West*, Gary Cooper não resiste, contudo, por vezes ao dispendio anormal de energia nervosa que os seus papeis representam. Daí as interrupções do seu trabalho, a que o conselho prudente dos médicos por vezes o força.

De resto, tôdas as suas criações nos dão o espectáculo dessa dissipação de energia. Gary Cooper é no cinema — como na vida — o homem animado duma vontade implacável, para quem o físico não é um fim, mas um meio, e que não recua perante o perigo e o sacrifício para alcançar os seus objectivos. «Marrocos» — que já atrás citámos — pode ilustrar estas considerações. Mas «Clive of India» e muitos outros filmes servem admiràvelmente como exemplos convincentes.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

«No Politeama»

Constituiram sem dúvida alguma, um dos maiores acontecimentos mundanos e artísticos desta temporada as três récitas de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade levou a efeito no teatro Politeama, cujo producto se destinava a favor da Casa de Proteção e Amparo de Santo António.

Abriu o espectáculo pela peça em 1 acto «Dans la jungle» de Gabriel d'Herviliez, representada em francês por D. Maria Adelaide de Melo de Castro (Pernes), «Rose», D. Maria Rita Morales de los Rios de Castro «Servine», Pedro de Brito e Cunha, «Stiosser» e José de Oliveira Belo, «Marquis de Guarda», amadores que mais uma vez tiveram ocasião de evidenciar a sua vocação para a arte de Talma. Pena é que tão distintos amadores tenham escolhido uma peça franceza, e não uma peça portugueza Seguiu-se o bailado «Melody Boy's» de Eduardo de Carvalho, muito bem marcado por Maria Amélia Morales de los Rios, Tereza de Lencastre Ferrão, Jorge de Paiva Raposo e Pedro de Brito e Cunha, número que foi obrigado a repetir.

Depois de um intervalo, deu-se começo à representação da revista em dois actos e cinco quadros, original de Acácio de Paiva e D. José de Siqueira (S. Martinho), com música de Armando da Câmara Rodrigues, bailados de Francis, encenação de António Pinheiro e figurinos de José Barbosa, que foi um apropósito para alguns ditos de espírito, boas rábulas, sôbre tudo a da «Velha do Tiroliro», por D. Maria Adelaide da Gama Sepulveda, que mais uma vez teve ocasião de pôr em destaque a sua veia cómica. A mesma amadora também se evidenciou nas outras duas rábulas que lhe couberam «D Izabel» e «Jogadora». Em papeis de destaque que temos ainda que salientar D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, no «Prologo» e na «Inês»; no primeiro D. Maria José Belmarço, disse muito bem uns lindos versos e no segundo marcou magistralmente o tipo de mulher de Amarante. Em outras rabulas de menos importante concorreram para belo conjunto D. Mariana Anjos Diniz, D. Tereza d'Orey, Maria Manuel Zilhão, D. Maria Gabriela da Câmara Pereira, D. Maria da Graça Rosa de Oliveira, D. Mafalda Ulrich, D. Maria de Lourdes de Barros da Costa Belmarço, uma bela chefe de quadro, e D. Maria Luiza da Gama Sepulveda, uma interessante «creadita» que nêsse pequeno papel revelou-se num grande à-vontade, uma verdadeira artista, vindo assim mais uma vez confirmar o ditado «filho de peixe sabe nadar», Luís da Gama; que tinha a seu cargo o «compère» animou a cêna com o seu extraordinário à-vontade, confirmando mais uma vez que é, não um amador, mas um verdadeiro artista cómico, sublinhando com arte o mais pequeno detalhe. D. Nuno Almada, outro elemento da velha guarda, num pequeno papel, desenhou com arte, D. António de Bragança, num chefe de quadro, teve ocasião de mais uma vez pôr em destaque o modo de trabalhar, animando com o seu fino espírito o quadro em que chefiou. D. José de Almeida (Lavradio), Francisco Ribeiro Ferreira, José Campos, concorreram para o harmónico conjunto. Deixamos para o fim a referência a D. Maria Sofia Pedreira Duarte Costa que com D. José de Siqueira (S. Martinho), cantaram deliciosamente um fado, na parte sentimental e êle na parte cómica, deram extraordinário relevo a êsse número que obrigado a trisar, não só pela letra, como sôbretudo pela forma como foi interpretado.

Mas um dos «clous» da revista fôram sem dúvida alguma os números de conjunto, em que figuram em primeiro lugar o «Bailado do Mah-jong», cantado por D. Maria Adelaide de Melo de Castro (Pernes), e interpretado por D. Maria Amélia Morales de los Rios Frois, D. Maria José Pinto da Cunha, D. Maria Tereza Ferrão e D. Maria Manuel Zilhão, «Ventos», D. Maria do Carmo da Câmara (Belmonte), D. Maria de Melo Breyner e D. Maria José de Castelo Branco, «Dragões», D. Maria Luiza Baptista, D. Maria Carlota Emauz, D. Maria Elisa Cabral e D. Maria da Graça Emauz, «Famílias-Círculos», D Maria da Paz Sobral Cid, D. Maria Tereza Rego Sobral, D. Maria Isabel de Castro Pereira Arriaga e Cunha, D. Stela Marçal Mendonça, «Bambús», D. Maria Manuela Sousa e Melo, D. Maria da Graça Rosa de Oliveira, D. Maria Helena Folque e D. Francisca Palma de Atouguia, «Caracteres», D. Laura Reis Ferreira, D. Maria José de Azevedo Gomes, D. Josefina Ricciardi, D. Maria Isabel Correia Roquete, D. Maria Luiza Correia de Sampaio, D. Leonor Correia Roquete, D. Tereza Leitão e D. Maria da Conceição Tôrre do Vale, «Flores», Joaquim Luiz Pinto Basto, Segismundo Castelo Branco, José Castelo Branco, D. Maria da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), Geynn Crato, Henry Hatherly, Guilherme Gomes, Manuel Leitão, D. Fernando de Melo de Castro (Pernes), e José de Paiva Raposo, «Muralha da China». Seguiu-se «A valsa das Damas e Valetes», cantada por D. Maria Tereza de Noronha (Paraty), e José Manuel do Amaral Pirrayt, e dançado por D. Maria da Câmara Pereira, D. Helena Burnay de Almeida Belo, D. Maria José Pinto da Cunha, D. Maria das Dores Casal Ribeiro, D. Maria da Luz Vilardebó Chaves, D. Maria Rita Morales de los Rios de Castro, D. Maria Isabel Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria Tôrre do Vale, D. Maria Emília Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria da Conceição de Melo Breyner, D. Margarida Mascarenhas, D. Maria da Graça Pressler, D. José de Almeida (Lavradio), Guilherme Gomes, Manuel de Castro (Resende), Francisco Daun e Lorena, José Manuel Guedes, José Fiuza, D. Fernando de Melo de Castro (Pernes), Eduardo Anahory, António Leote do Rego, D. Alexandre Henrique de Lancastre (Alcaçovas), Francisco Pessoa e D. José de Bragança, «Quadro Tirolez», cantado por D. Maria Calheiros de Azevedo e Joaquim Luiz Pinto Basto, e dançado por D. Maria Margarida Campos de Andrade, D. Francisca Palma de Atouguia, D. Tereza Maria Plantier, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, Miss Sellers, D. Maria Cândida Malheiro Reimão, D. Maria da Luz Vilardebó Chaves, D. Maria Domingas Luiza de Sousa Coutinho, D. Maria Amélia Morales de los Rios Frois, D. Maria Tereza Ferrão, D. Maria Helena Folque, D. Maria Adelaide Reimão Nogueira, D. Rita Burnay Carvalhosa, D. Cecília Abecassis, D. Maria Tereza Emauz, D. Luiz da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Manuel Lobo da Silveira (Alvito), Francisco Daun e Lorena, Glynn Crato, Guilherme Gomes, Pedro de Brito e Cunha, Jorge de Paiva Raposo e Henry Hatherly, e finalmente as «Amendoeiras em Flor» dançado por D. Maria Isabel Correia Roquete, D. Tereza d'Orey, D. Maria Leonor Correia Roquete, D. Margarida Mascarenhas, D. Tereza Leitão, D Josefina Ricciardi, D. Maria Manuela Sousa e Melo, D. Maria Manuel Zilhão, D. Maria da Graça Rosa de Oliveira, D. Maria José de Azevedo Gomes, D. Margarida Cardoso e D. Maria Luiza Baptista, sendo todos os números de conjunto bizados.

Nos finais dos actos a selecta assistência, que enchia por completo a vasta sala de espectáculos aplaudiu com entusiasmo, todos os intérpretes, aplausos de que também compartilharam Armando da Câmara Rodrigues, António Pinheiro, Francis e José Barbosa, a quem se deve em grande parte o êxito obtido por tão distintos amadores.

Festas como estas honram sobremaneira quem as organiza e leva a efeito, porque além de fazerem o bem, dão ao mesmo tempo um enorme prazer espiritual. Estamos certos que a comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artístico e mundano.

Casamentos

Pela sr.ª D. Alice Dias Perdigão, espôsa do sr. António Perdigão, foi pedida em casamento para seu filho António, a sr.ª D. Maria Luiza Nogueira Mariz, gentil filha da sr.ª D. Maria Isabel Nogueira Mariz e do sr. Alvaro Simões Mariz, já falacido, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Com muita intimidade realizou-se na paroquial do Coração de Jesus, o casamento da distinta médica sr.ª dr.ª D. Custódia Alves, filha da sr.ª D. Rufina Alves e do sr. Vicente Alves, já falecido, com o sr. Alberio Xisto do Vale, filho da sr.ª D. Georgina Xisto do Vale e do sr. António Joaquim do Vale, tendo servido de madrinhas a irmã da noiva sr. D. Celeste de Oliveira e a mãi do noivo, e de padrinhos o cunhado da noiva sr. António de Oliveira e o pai do noivo. Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua-de mel.

— Na capela da elegante residência da sr.ª D. Margarida Fino Igrejas e do sr. dr. Frederico Augusto Igrejas, ilustre administrador do Banco Pinto e Soto Maior, realizou-se presidido pelo reverendo dr. Manuel Lopes da Cruz, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento de sua gentil filha D. Maria de Lourdes, com o distinto clínico sr. dr. José Carvalho de Campos, filho da sr.ª D. Tereza Carvalho de Campos e do major médico sr. dr. António da Mota Campos, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia religiosa, durante a qual fôram executados vários trechos de música sacra, foi servido no salão de meza, um finíssimo lanche, seguindo os noivos aquêm fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o estrangeiro, onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Maria Adelaide Vila Nova e Sousa, interessante filha da sr.ª D Carlota Vila Nova e Sousa e do sr. Bernardo Augusto de Araujo e Souza, com o sr. Manoel António da Silva, filho da sr.ª D. Maria Rosa da Silva e do sr. Manoel José da Silva, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Maria Amélia de Azevedo e Silva e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Avelino da Silva, presidindo ao acto o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a quêm fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Presidido pelo reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução realisou-se na paroquial das Mercês, o casamento da sr.ª D. Cristina Conceição Campos, gentil filha da sr.ª D. Maria da Conceição Campos, já falecida e do sr. José Augusto Campos, com o sr. Jorge Mário Elder Sá-Chaves, filho da sr.ª D. Beatriz Elder Sá-Chaves e do sr. José Maria de Oliveira Sá-Chaves, servindo de madrinhas as sr.as D. Berta da Conceição Campos, irmã da noiva e D. Aida Couceiro da Costa Adrião Sá-Chaves, cunhada do noivo e de padrinhos os srs. Martins dos Santos, nosso colega de «Voz» e Mário Jorge Elder Sá-Chaves, irmão do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Para seu filho António, foi pedida em casamento pelo sr. Jacintho Penco de Almeida, a sr.ª D. Maria Cristina Sieuve Seguier Afonso Romero, filha da sr.ª D. Clara Sieuve Seguier Afonso Romero e do sr. Aurélio da Fonseca Romero.

— Na paroquial do Sacramento realisou-se o casamento da sr.ª D. Alice da Cunha, com o sr. Alberto Almeida Lima, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Maria del Pilar Sanz, e D. Ricardina Roovers Ribeiro Gouveia de Freitas e de padrinhos os srs. Luiz Dias Amado e Domingos Sabido de Freitas.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do distinto engenheiro sr. Eduardo Martins, um finissimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para fóra de Lisboa, onde foram passar a lua de mel.

«D. Nuno».

AS FLORES NA DECORAÇÃO

Não há na natureza nada mais belo do que as flores. Elas são uma das suas mais delicadas obras. A frescura e a beleza estão reünidas em tôdas as flores que existem. Desde as mais simples flores do campo ás complicadas orquídeas criadas em estufa, há beleza e encanto em tôdas elas.

Um campo de papoilas no princípio do verão é o que se pode ver de mais alegre. Nada há que tenha a côr de púrpura em vários tons que ondule tão graciosamente ao vento ligeiro que as baloiça.

E não há alma por mais torturada que esteja, que se não sinta iluminada quando os olhos poisam nessa festa de côr.

Os tristes campos do Alentejo, que no verão têm o aspecto de queimadas, são na primavera lindos com os seus quadrados, brancos e amarelos de malmequeres, vermelhos de papoilas, numa tão grande extensão que dá a impressão do infinito.

Esta estação das flores é bela em tôda a parte mas sobretudo nos países onde se faz a cultura industrial e artística. Nunca esquecerei uma primavera passada na Côte d'Azur e na Riviera Ligure.

Os festões de rosas que nessa costa maravilhosa do Mediterrâneo, se debruçam dos jardins das vilas, quási tocando as águas azuis dêsse mar de safiras, os lilazes brancos e rôxos em cachos pujantes exalando um aroma embriagador, os decorativos lírios e açucenas com o seu aspecto hierático de nobre flor da pureza, tornam essa privilegiada região, tão bem cuidada e tratada num verdadeiro recanto do paraizo, num ideal cenário, que deslumbra os olhos de quem sente a beleza.

Mas os grandes campos de cravos perfumados e rubros, que formam o encanto da Riviera Ligure mais áspera que a parte francesa, mas não menos bela, têm a atracção da côr e o encanto do aroma.

Uma estufa bem tratada com as verdes avencas, as begónias estranhas, picada aqui e além pelas orquídeas duma delicada côr, ou dum estranho aspecto, é um dos mais artísticos espectáculos.

A flor é sempre bela e agrada sempre. Ela festeja todos os actos alegres da nossa vida. Num dia de anos enche de alegria os corações, que em oferta a trazem e aqueles que a recebem. Não se compreende uma noiva sem um ramo branco, símbolo de pureza e de viço e encanto. Numa festa de homenagem, as flôres enchem salões e palcos e é ainda na morte que elas representam a saüdade dos que ficam, por aqueles que partem para sempre, que não voltam mais e que nunca são esquecidos.

A beleza da flor alia-se, envolve a beleza humana, e é natural, que para a mulher, que tem algumas vezes, mais desenvolvido o sentido do belo, ela seja uma companheira inseparável.

Não há mulher alguma dotada de gôsto e de sensibilidade que não adore as flores, para quem um jardim não seja uma verdadeira alegria, uma festa, e nunca senti tão profundamente essa sensação como num jardim duma cidade da nossa província do Minho, onde uma velha senhora solteirona sem afectos, quem sabe se tendo alguma vez realizado um ligeiro sonho côr de rosa de amor, criava e cuidava o mais belo roseiral que me tem sido dado ver. A variedade das rosas, ao lado duma «Maréchal Miel», uma «Malmaison» côr de carne punha em relêvo a côr amarela da sua vizinha, as príncipe negro com as suas pétalas de veludo faziam realçar as pálidas rosas chá.

E era enternecedor ver no meio dêsse jardim cheio a transbordar de rosas frescas, essa velha, espalhando os tesouros de amor da sua alma sequiosa de ternura, e, radiante de sentir a admiração pelas suas maravilhosas flores que eram todo o seu carinho, flores que ela nem se atrevia a cortar, porque seria como decepar pedaços a uma pessôa viva, que se adorasse.

E compreendi-a bem, porque tenho sempre a impressão ao colher uma flor, que é uma mutilação que se faz a um ente vivo.

Mas como a maioria não pensa assim, as flores são o elemento indispensável da decoração de salões de festa e dão uma nota de alegria na intimidade do lar. A beleza da mulher realça mais ao lado da beleza da flor e é talvez por coquetismo que a maioria das mulheres têm o delírio das flores.

A decoração floral torna as mesas um encanto e dá um ar festivo à mais simples refeição familiar, uma casa onde há na mesa flores, dá logo a impressão que tem a dirigi-la uma mulher cuidadosa e artista, que sabe fazer realçar o seu encanto feminino.

O saber dispôr as flores em jarras é um dom artístico como qualquer outro, e, senhoras há que com um pouco de verdura e uns cardos conseguem uma decoração admirável.

Mas eu creio que não há flor por mais insignificante que seja que não seja decorativa, tôdas elas bem aproveitadas são um elemento de beleza e uma decoração sem igual. Numa mesa bem posta, com loiças finas e artísticas, cristais transparentes e admiráveis, pratas brilhantes e bem cinzeladas, as flores têm o seu lugar marcado e apezar do valor dos outros objectos e da sua pouca duração elas são ainda o principal elemento.

Uma mesa pode estar bonita sem pratas, tendo em vez de cristal, simples vidro, em vez de loiças ricas da Índia ou da China, um serviço da Vista Alegre ou de Sacavem, em vez de «napperons» de fina renda, uma alva toalha, bem lavada e engomada, mas sem flores é que não há nem pode haver uma mesa bonita.

Nas salas dá-se a mesma coisa, por mais rica que uma mobília seja se não tiver uma jarra com flores essa sala tem o ar desabitado duma sala de ministério.

A flor trai à mão da mulher, dá a nota da intimidade do lar. A flor é sem dúvida a poesia da vida, a oferta máxima da natureza.

E o homem compreende-o tão bem que nas igrejas, nos santuários em tôda a parte em que a sua alma se eleva a Deus pondo-o em comunicação com o seu Criador, as flores têm o primeiro lugar. Essa oferta que Deus fez à humanidade, ela pôe-a tôda nos altares onde o venera. E melhor tributo se não pode render àquele que criou tôda a beleza do universo.

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

Tudo o que se faz a favor da criança é bem empregado e é útil. A criança é o futuro da raça e portanto deve merecer-nos todo o carinho e o maior interêsse.

Pondo mesmo de parte o sentimentalismo. que nos faz ter a maior ternura por ês es pequenos entezinhos indefesos, cheios de vida e rodeados de perigos, que precisam do nosso afecto e dos nossos cuidados para resistir ás ciladas da vida, a criança em geral interessa-nos porque é o futuro. A sua saude, o seu desenvolvimento, tudo nos deve interessar, mas sobretudo a formação da alma e do carácter, que mais tarde serão a sua moral.

Faz-se já muito pela criança e nesse ponto o nosso país tem avançado prodigiosamente nos últimos anos, no entanto o muito que já está feito ainda é muito pouco, para o imenso que há a fazer.

A vida da criança rica e da criança remediada é já hoje entre nós muito diferente do que era há anos e a higiene começa a ocupar o lugar que lhe compete na vida da criança. Há ainda porém muito que fazer nesse sentido. Um costume arreigado entre a gente portuguêsa é o de deitar tarde e ainda há famílias em que as crianças estão a pé à hora a que deviam dormir o sono tão necessário ao seu desenvolvimento.

A mania de levar as crianças a divertimentos de noite é absolutamente nociva, assim como o abuso do cinema, sem a menor escolha, para as crianças. As «matinées» não tem uma escolha de fitas próprias para crianças. E êsses espectáculos que continuamente vêm, transtornam muito e para sempre a sua noção duma moral sã.

Há pouco carinho no organizar festas para crianças e por isso muito mais é para louvar a iniciativa da companhia do Nacional, que êste inverno proporcionou às crianças da capital as «matinées» mais encantadoras, com a «História da Carochinha» e a «Maria Migalha»

Mas Portugal não é só Lisboa e as crianças das cidades provincianas continuam a envenenar a alma com os filmes de «gangsters». E' preciso pois que haja da parte das famílias um grande defesa contra os espectáculos impróprios para as crianças.

Se as crianças ricas e remediadas precisam de ser protegidas e acarinhadas o que não diremos das crianças pobres, de todo o país e muito principalmente, dos desgraçadinhos, que vivem nos bairros miseráveis de Lisboa.

Esses horríveis bairros de lata, onde famílias, que a miseria acossa, se vêem obrigadas a refugiar-se e a ter uma convivência forçada com a escória da sociedade, porque é preciso saber, que nesses bairros miseráveis há famílias honestas e honradas e não sòmente criaturas ínfimas.

Mas as crianças, que não têem o seu carácter formado, que são por assim dizer cera mole, em que tudo se imprime, estão num contacto contínuo com a mais desgradante imoralidade e ao alcance dos seus ataques.

Há bairros como o das Minhocas e como êsses bairros da serra, onde se passam cenas de apavorar em que criaturas, que o crime perverteu cometem verdadeiras atrocidades, arrastando para a senda do vício e do crime almas tenras que bem orientadas seriam servidores úteis para o seu país.

Que mais bela obra pode haver para corações de mulher do que atender a essas crianças, do que fazer tudo para as tirar dessa miséria atroz física e moral?

Eis aqui uma obra muito interessante a tentar: a proteção à infância, ao futuro da raça, que veria assim aumentadas as probalidades de ter uma população moral, que soubesse compreender os seus deveres e a sua missão na vida.

A infância seja em que classe social for inspira a maior ternura e o maior interêsse, mas a criança que sofre, que é vítima da sua situação no mundo, essa inspira mais do que ternura, verdadeira compaixão por tão grande sofrimento, numa idade em que a vida devia ser só sorrisos e flores.

Maria de Eça.

A moda

Cada vez mais acentuadamente fresca e juvenil, a moda está encantadora e traz revolucionadas as mulheres que gostam de vestir com gôsto e elegância.

O vestir bem não consiste só em comprar coisas boas e caras, está especialmente no saber escolher aquilo que faz realçar a beleza e atenuar os defeitos.

Cada senhora deve ter a arte de vestir segundo o seu físico, evitar as côres que a prejudicam e escolher aquilo que a favorece e a rejuvenesce. E' um êrro pensar que as côres é que dão a juventude. O saber escolhe-las é que muitas vezes a dá e é essa arte que a mulher deve estudar.

Como modas damos hoje às nossas leitoras vários modelos, que as devem satisfazer e ajudar a escolher as suas «toilettes» para esta estação de casinos e de diversões.

Em primeiro lugar um vestido de noiva, que é sempre esperado com entusiasmo pelas senhoras que estão para casar. Em pesado setim é dum corte clássico. Este setim não é completamente branco, mas sim dum tom rosado de pérola, que favorece muito mais dando um parecer muito melhor. A saia do vestido toca no chão tôda em volta. A cauda sai da cintura em tiras de setim e «chiffon». O corpo do vestido sai em franzidos dum *empiècement* em «perindinke» um bordado moderno, que guarnece também os punhos.

O véu sai duma corôa de setim entrançado e também o tule não é completamente branco, mas dum levíssimo tom rosado. E' uma novidade muito interessante e que vai causar a alegria das noivas a quem o branco não fica bem.

Para a noite dois vestidos em «crepe de Chine imprimé». Um fundo claro todo florido de flores várias. O corpo franzido em volta do pescoço e as mangas meio curtas são terminadas em punhos franzidos. E' dum aspecto muito juvenil e gracioso.

O outro fundo preto florido de vistosas tulipas é também dum feitio moderníssimo e muito bonito. O casaco até à cintura é o complemento desta «toilette» elegantíssima.

Para a tarde uma linda «toilette» em preto e branco. A gola em «organdi» é terminada por um gracioso «rahat» destes que a moda tornou quási indispensáveis nas «toilettes» pretas.

O chapéu formado por uma copa de palha guarnecida com uma tira em peninhas vê a sua monotonia quebrada por uma longa pena e, um véu em preto, que forma a mais leve e graciosa guarnição.

O calçado é uma coisa que merece sempre a maior atenção à mulher portuguesa, que é uma das mais bem calçadas da Europa. No calçado a moda fez uma verdadeira revolução. Estão absolutamente fora de moda os sapatos de tacão alto.

Os tacões têm agora uma altura regular e base bastante para suportar o pêso do corpo. Damos hoje três modelos, um de sapatos de desporto em crocodilo, os outros em camurça e pelica, azul escura ou castanha, são guarnecidos com uma fivela em metal. Os outros em «calf» são pespontados e uns sapatos muito práticos para qualquer uso de manhã ou de tarde com um vestido simples.

E' muito para apreciar esta modificação no calçado que nos permite o uso dum calçado cómodo e prático o que contribue também para a elegância evitando a incerteza do andar.

Higiene e beleza

Há muitas senhoras que se queixam de ter a pele sêca. As peles sêcas são em geral mais bonitas, que as gordurosas, mas também muito mais delicadas, que essas e, é preciso muito cuidado com as rugas que se formam nelas com muito mais facilidade do que na pela oleosa.

Deve lavar-se a cara em água fria ou ligeiramente tépida, em seguida aplicar um bom creme gordo, e, massajar cuidadosa e levemente a cara de baixo para cima para introduzir o creme nos poros que são em geral fechados, em seguida aplica-se o pó e o «rouge» e de novo o pó.

A' noite para tirar a «maquillage» deve empregar óleo de amêndoas doces embebido num algodão e, querendo lavar em seguida a cara. E' conveniente à noite massajar de novo com um bocadinho de creme.

A senhora que tem a pelle sêca nunca se deve expor ao sol sem ter protegido a sua pele com creme.

Receitas de cosinha

Ervilhas à francesa. — Numa caçarola de tamanho médio, deita-se um litro de ervilhas (devem descascar-se à última hora), 125 gramas de manteiga, 10 gramas de sal, 20 gramas de açucar, 12 cebolinhas, um ramo de salsa, 2 raminhos de cerefólio, e bastante alface que seja tenra, mexe-se tudo para ligar bem; cobre-se e deixa-se ao ar durante uma hora.

Na ocasião de se porem as ervilhas a coser, deitam-se-lhe 4 colheres de água fria (é inutil deitar-lhe mais água, pois a esta junta-se a das próprias ervilhas).

Logo que comece a ferver tapa-se a caçarola com um prato côncavo contendo um pouco de água.

Deve coser fortemente durante 80 a 85 minutos. Terminada a sua cosedura, faz-se diminuir ràpidamente a calda que sobrou, retiram-se-lhe os ramos de cheiro, ligam-se às ervilhas 40 a 50 gramas de manteiga, fora do lume; deitam-se num prato os legumes, dispondo por cima folhas de alface.

A arte em casa

Como é fácil á mulher económica e arranjada ter com pouca despeza uma casinha confortável e agradável à vista. Não é o luxo que torna as casas atraentes, mas sim a graça e a nota de personalidade que a mulher habilidosa lhe pode dar.

Não são precisas mobílias ricas nem damascos e sedas para uma casa ser graciosa e apurada, basta que tenha primeiro que tudo, um irrepreensível aceio e em seguida a graça que se consegue com umas cadeiras cómodas, com uns cretones alegres, com umas cortinas bem colocadas, emfim com o trabalho, que marca a mão feminina.

Essas casas assim dispostas, são muita vez mais agradáveis á vista e mais cómodas para nelas se viver, do que aquelas que representam um grande luxo, mas não tem êsse ar de intimidade, que tem a casa arranjada não pelo estofador, mas por aquela que deve ser a alma do lar.

A mulher e a pintura

Está-se fazendo uma verdadeira campanha contra o excesso de pintura e abuso de «maquillage» da mulher moderna. Efectivamente a mulher de hoje exagera duma fórma um pouco ridícula os seus cuidados com a beleza. Está bem que se ponha um pouco de «rouge» que se avivem ligeiramente os lábios com «baton», mas o excesso dá sempre um resultado contrário e a beleza fica muitas vezes comprometida em vez de ser aumentada.

A arte da mulher está em dar á «maquillage» um aspecto natural que a rejuvenesça e não envelhecer-se com um excesso de pintura, que a faz parecer mais idade e não a embeleza.

Nas unhas deve haver o maior cuidado com as pinturas, o vermelho lacre é do peor gôsto, assim como qualquer verniz que dê ás unhas um aspecto artificial. A naturalidade cuidada, que dê á mulher um aspecto de gôsto esmerado é o bastante.

O segredo profissional

Um marido terá o direito de abrir as cartas de sua mulher caso esta lhe tenha pedido para o não fazer e será fácil obter o divórcio por êsse motivo?

Foi êste o motivo dum processo que foi julgado no tribunal. Madame Robert doutora em medicina, pedira a seu marido que não é médico, que não abrisse a sua correspondência, dizendo-lhe que se o fizesse violaria o segredo profissional.

O marido persistiu em abrir as cartas da esposa e esta recorreu a um meio de defeza, triste e mau mas seguro, — o divórcio. O tribunal concedeu-lhe com a maior brevidade êsse meio de se livrar de indiscreções incompatíveis com a situação duma mulher, que exerce profissão e uma tão delicada profissão, como é a de médica, que deve segundo o juiz ser respeitada, mesmo pelo marido, que não tem o direito de penetrar no domínio exclusivo da medicina.

E afinal tudo estava numa questão de falta de educação da parte do marido.

As mulheres de Berlim

É interessante saber-se que em Berlim ha uma brigada de polícia, que defende as mulheres, dos admiradores importunos, que as incomodam com os seus galanteios.

No estrangeiro e na Alemanha provinciâna, ha a ideia que a mulher de Berlim é leviana e fácil em corresponder á côrte que lhe fazem, mas não é justa essa ideia.

Na época da grande inflacção monetária houve talvez da parte das mulheres de Berlim, uma atitude que as privações se não justificavam, pelo menos desculpavam.

Mas nesse momento havia também um grande número de estrangeiras, que os turistas supunham alemãs e berlinenses, que muito contribuiram para êsse mau conceito em que a berlinense era tida.

A mulher de Berlim como quasi toda a mulher que trabalha é independente e quer ir para toda a parte, sem ser incommodada. Por isso a polícia de Berlim lhe garante o seu socego.

De mulher para mulher

Anita: E' muito natural que tenha essa profunda ternura pelo seu gato, visto não ter com quem repartir o afecto que trasborda do seu coração, mas porque é que não dedica essa amizade antes a uma criança a quem protegesse e de quem com a fortuna que possue pudesse fazer a felicidade? Ha tanto quem precise de afecto e de protecção. E' mais cómodo o gato, mas concorde que é egoismo.

Apaixonada: Não mostre demasiadamente a sua paixão, os homens cansam-se das mulheres que os adoram, preferem sempre as que os deixam na incerteza do seu afecto. Para vestido de viagem um tailleur em «tweed» cinzento ou beige.

Alda: Não creio que tenha grande dificuldade em conseguir o seu desejo se tem os dotes que diz, mas pense bem antes de se resolver. A vida de artista de cinema é muito trabalhosa, não é o continuado divertimento que supõe. E é preciso ser muito fotogénica e ter uma grande resistência física.

Pensamentos

Ha muita viuva, que emquanto chora e se arrepela vai fazendo as contas do que tem de herdar.

Nunca devemos ter confiança naqueles que são devoradores de gente.

Entre os nossos inimigos os piores são muitas vezes aqueles que reputamos mais pequenos e insignificantes.

De todo o desconhecido, desconfia aquela que da sabedoria tem recebido lições.

O ouro pode dividir-se, mas não a lisonja. O maior orador, ainda que fôsse um anjo, não contentaria num mesmo discurso, duas mulheres belas, dois actores, nem mesmo dois santos.

O que não inventa uma língua pérfida, quando possue a perniciosa habilidade da maledicência.

Todos crêem facilmente o que temem e o que desejam.

A desconfiança é um grande defeito, quando excessiva mas é a mãi da sua segurança na maioria dos casos da vida.

E' preciso não acreditarmos naqueles que sempre concordam comnosco, muitas vezes pensam o contrário.

(La Fontaine).

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 61

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 52

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

FINO DEL
N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

EFONSA
N.º 14

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 3, Maria Luíza; n.º 4, Euristo.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 16 pontos

Alfa-Rómeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Capitão Terror, Silva Lima.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 14. — Salustiano, 13. — Rei Luso, 13. — Só-Na-Fer, 12. — Só Lemos, 12. — Sonhador, 12. — João Tavares Pereira, 12 — Lamas & Silva, 10. — Salustiano, 10. — Elsa, 9.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 7. — Lisbon Syl, 6. — Aldeão, 6.

DECIFRAÇÕES

1 — Mel-roa-mélroa. 2 — Alar-largar-alargar. 3 — Are-rejo-arejo. 4 — Pancada. 5 — Maisquerer. 6 — Morato. 7 — Chorador. 8 — Montante-monte. 9 — Càveira-cara. 10 — Ivo (IV) (quatro) 0 (nada). 11 — Papa-o-ão. 12 — Aba-bate-abate. 13 — Amo-mover-amover. 14 — *Solvido.* 15 — *Nana.* 16 — Grande aparato e pequeno recato.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) O *paeóvio* não tem a *cabeça* do *tolo.* — (2-2) 3.
Lisboa — *Elsa*

2) Com que *direito* toca aquela «*mulher*» um instrumento que parece uma *espécie de alaúde?* 2-2 (3).
Leiria — *Magnate (L. A. C.)*

3) Os *ornatos* dão a ilusão de que se *fica* num *parque!* (2-2) 3.
Lisboa — *Ulsi Ráfer*

NOVÍSSIMAS

4) Então o «*senhor*» agora pretende que a minha «*mulher*» seja sua *namorada?* 2-2.
Lisboa — *Capitão Terror*

5) «*Entre*», meu *pai*, que aqui o meu *íntimo amigo* dá licença. 1-2.
Leiria — *Magnate (L. A. C)*

6) Ao que *sustenta* que se deve ter *compaixão* de quem é fraco charadista eu respondo: *muito bem!* 3-1.
Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

7) Naquela *ladeira* dei um *tombo.* 3-2.
Luanda — *Dr. Sicuscar*

8) É muito «*triste*» não ter *merecimento!* 3-2.
Lisboa — *Filho d'Algo*

9) Quem *anda continuamente pelas ruas* é um *pelintra.* 3-2.
Luanda — *Ti-Beado*

10) A *alocução* do «*comandante*» animou as tropas. 3-2.
Lisboa — *Vidalegre*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

(Ao abalizado confrade José Tavares)

11) — Ela é a *senhora,*
Grande educadora.

Êle o *preceptor,*
Bom administrador.

Aumentando terão
Um bonito *gaivão.*

Luanda — *Ti-Beado*

LOGOGRIFO

12) *Pequena coisa* bastou — 2-7-9-1
Para fazê-lo zangar;
Num *sarrafo* então pegou — 8-5-2-7
Para o rapaz castigar;
Mas *junto* ao local passava — 1-2-7-4
Um frade bento, a rezar,
Que da *diocese* voltava — 9-10-6-1
E o rapaz foi libertar.
A *correr muito* o rapaz — 4-3-5-8
Diz logo ao frade, a chorar:
« — A *sua família* é paz, — 9-10-3-9
me está Deus a *segredar* — ».

Lisboa — *Stop (G. dos Verdes)*

MEFISTOFÉLICA

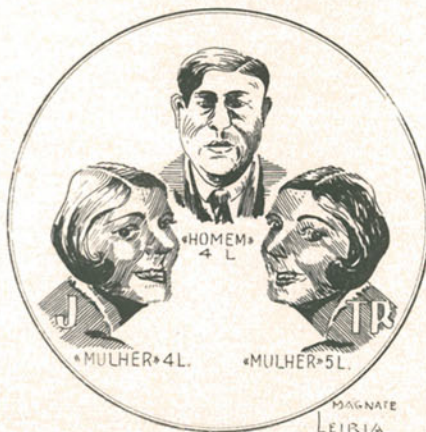
13) O coração da mulher
É um *cofre* tentador
Que só abre quem tiver
A chave forte do amor.

É «*alvo*» constantemente
De chaves mil, mas em suma
Sorri sempre docemente,
E nunca cede a nenhuma.

O seu *segrêdo* termina
No dia em que o deus Cupido
O desvenda com a sina
De lhe arranjar um marido... — (2-2) 3

Lisboa — *Mad Ira*

NOVÍSSIMAS

14) Dez anos já passaram!
Ai como o tempo voa!
Recordo quanto os olhos meus choraram...
E no meu peito ecoa

Ainda tristemente
O teu choroso adeus à despedida!...
E o tempo passa,
Inclemente,
E morre aquele *encantador* — 2
Enlêvo...
Amor... Amor...
Cada dia em que te escrevo
Mais vou sentindo
Que a vida vai fugindo...
Viver assim distante *para* quê? — 1
O coração fenece se não vê
Sua vida e sua esperança!
Mas o peito já se cansa
De esperar...
E o teu rosto,
Que só me é dado ver quando a sonhar,
É meu *desgôsto,*
Que à cova me há-de levar...

Lisboa — *Elsa*

CONSUMMATUM EST!

(Em Sexta-feira de Paixão)

«*A Comissão dos Treze* é de opinião que o assunto da paz com a Etiópia ainda não está *maduro*».

(Dos jornais)

15) Que servem abundantes comissões,
E mesmo a própria «Liga» genebrina?!
Se uma querela surge entre nações,
Se alguma a outra *ofende* ou há «chacina», — 2

«*Onde*» tem fôrça p'ra aplicar sancções? — 1
Confia na francesa ou na londrina?
Livrou o Chaco e a China de agressões?
E a Etiópia, que a Itália extermina?

Exausto, esp'rando a paz que não alcança,
Olhando o Céu, o Negus diz: «Senhor»!
«Em vão eu pus em vós a minha esp'rança!

«Não mereço, talvez, o vosso amor...
Mas a mulher imbele e a criança
«Que *culpa* têm oh! Cristo! oh! Redentor?!»

Lisboa — *Sileno*

CONTRADIÇÕES...

(A Mad Ira, com as desculpas de principiante)

16) Para brincar te escrevi,
Pensando assim te afastar.
Julgo, até, que me sorri
Muita vez, p'ra não chorar!

Na ânsia de te não querer,
Fui pensando sempre em ti...
Receando me prender,
Mais depressa me prendi...

Peço *a* Deus p'ra te esquecer. — 1
Passo o tempo a procurar
A maneira de te ver, — 1
De te ouvir, de te falar...

Troço dêste sentimento,
E é tão grande o meu sofrer!
Não me queixo nem lamento...
Sem ti não posso viver!

E chego até a pensar:
Como se deu tal encanto?
Poi se eu *não* queria amar...
Ou foi bruxedo... ou quebranto...

Lisboa — *Yzinha*

SINCOPADAS

17) Ó *mar alto,* ó mar alto,
Ó *mar alto* tentador,
Trazes-me num sobressalto
Dês que partiu meu amor. — 3-2

Coimbra — *José Tavares*

18) Dá lugar a *fumarada*
Que não se veja um só naco
Nem possa ser atacada
Pelo lado do *buraco.* — 3-2

Tomar — *Mar Said*

19) Após ano *fatigante*
Vou a férias, talvez saia,
Descansar um breve instante
Nas delícias de uma *praia.* — 3-2

Lisboa — *Vina*

TRABALHOS DESENHADOS

20) ENIGMA FIGURADO

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração,* rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Hip! hip! hurrah! Portugal, for ever!

A gente anda muito tempo sem ter uma ideia que preste. Só coisas vulgares que lembram a qualquer e que nada oferecem de interessante nos enchem o cérebro, que em vão procura afastar-se da já visto e conhecido.

E' que nem todos os momentos de locubração intelectual são assistidos pela inspiração e debatêmo-nos quasi sempre desesperadamente, entre a vontade de produzir uma obra que fique assinalando a nossa passagem, em qualquer forma de arte ou de ciência, e a impossibilidade de vencer a nossa preguiça mental.

Mas, de repente, tal como se um raio de sol atravessasse a atmosfera pesada de tormenta e alegrasse a natureza cinzenta de mágua, nós sentimos que uma ideia feliz trespassa as trevas do nosso entendimento, e eis-nos em plena inspiração, podendo, em fim, atingir o nosso fito há tanto almejado sem conseguirmos tocá-lo.

■

O *Diário de Lisboa*, que já tem tido belas iniciativas, apresentou ultimamente uma ideia maravilhosa, que não só veio proteger uma indústria do país, por muitos títulos digna de ser louvada, mas também enriquecer o nosso cancioneiro popular, dando ainda ensejo a que novos poetas se revelassem e outros continuassem afirmando o seu valor.

Realmente, êsse concurso de *Canções da uva e do vinho* foi qualquer coisa de muito belo e com surpreendentes resultados.

Numa época, como esta que atravessamos, cheia de egoismo, fechando-se todos os ouvidos a tudo que não seja a propaganda do interesse pessoal, é digno dos maiores elogios êsse movimento levantado pelo acreditado periódico lisboeta, e que tão calorosa acolhida teve por parte do público, que se interessou a valer pelo curioso e útil certame.

E não se pode dizer que a justiça andasse arredia dos juizes chamados a escolher, de entre tantas lindas canções, as mais lindas.

Os prémios foram muito bem ganhos.

A primeira e a segunda têm um sabor popular delicioso e não são isentas de um certo lirismo, que é pecha muito nossa, e ainda bem, porque assim podemos enfeitar a crueza da vida com as côres tiradas do nosso próprio coração.

Cada cepa dá um cacho,
Cada cacho dá um gôsto.
Olha tanto gôsto junto
A ferver dentro do mosto!

O vinho é foguete
Que espirra no ar,
Que dá estalinhos,
Que torna a estalar.

Vejam que frescura de ritmo e que riqueza de ideias.

E esta quadra da *Canção das cepas*, como representa bem o feitio romântico da nossa raça:

Cepa torta, torcidinha,
Ninguem por torta te engeita;
Que importa que sejas torta,
Se me dás vida direita.

E todos os concorrentes, mesmo aquêles que não tiveram prémios, deram nos seus versos um pouco da sentimentalidade da alma portuguesa.

Eu também escrevi umas quadrazinhas, que fôram classificadas em mérito literá-

rio, o que muito me lisonjeou, pela certeza que tenho de que nada faço que mereça prémio.

E vou deixar aqui registada a minha canção, para provar, mais uma vez, que sempre me interessei por tudo que sirva beneficiar as nossas indústrias:

Vem comigo, olá pequena,
Ensina-me o meu caminho:
Eu já vi "catar„ a vinha,
Quero ver pisar o vinho.

Vamos lá cantar louvores
A um cacho de moscatel,
Se já bebeste da cêpa
Que sabe a beijos e a mel.

Picar um baguinho d'uva
Vi um dia um passarinho,
E o seu canto era mais dôce
Quando buscava o seu ninho!

O vinho embeleza a vida,
Faz sonhar e sabe bem.
Quem tem vinho e sol em casa
Não sabe a sorte que tem!

E agora, rapazes, é fazer honra aos nossos vinhos, é não deixar que os estrangeiros os saibam apreciar melhor do que nós.

Não temam a censura. Beber, sabendo beber, não fica mal a ninguem.

Já lá vai o tempo em que um sujeito que entrava numa casa onde se serviam bebidas era apontado a dedo como um malfeitor.

Não se aconselha o operário a gastar a sua féria na taberna, nem os felizes da fortuna a beber até caír, ingurgitando vinhos e licores. Não é o exagero que se pretende insinuar nos ânimos, mas o preciso consumo para equilibrar as fôrças e alegrar a vida.

Um copo de vinho á refeição abre o apetite e ajuda a digestão a fazer-se.

O vinho do Porto, então, é um tónico delicioso e que nunca falha. Vale mais do que todas as especialidades farmacêuticas. Mas não é beber até ficar descomposto.

Esse abuso é até um insulto ao vinho, que deve aspirar-se como um perfume raro, e sorver-se como um nectar, devagar e deleitadamente, sem caír na embriaguez dos sentidos.

Não façam como um certo sujeito, que ao ser posto fóra dum carro eléctrico, por estar bébedo como um cacho, se desculpou, apontando um letreiro: — Que fiz eu de mal? Não vê o que ali diz: "Bebam vinho„. E eu bebi vinho. Ora aí está„!

Pois sim. Mas beber vinho não é emborcá-lo como se fôssemos uma pipa.

"Bebam vinho„ quer dizer: próvem dêsse maná celestial que corre das nossas videirinhas, das nossas cêpas tortas e velhinhas, que não se cansam de viver; bebam com conta pêso e medida, e não percam a lucidez de espírito, para enquanto bebem poderem erguer, em seus corações louvores ao Criador que deu á nossa amada pátria um solo fértil que todo êle se desentranha em frutos saborosos e em flores coloridas, e tão ricas em perfume, que nada tem que invejar a nenhuma outra terra do mundo inteiro.

Recebâmos o vinho como um amigo muito querido que quer ajudar-nos a levar a nossa cruz, com elegância, sem tombos; que vem matizar de sorrisos a nossa existência dar-nos um arzinho prazenteiro, sem caír no esgar grotesco que enoja e entristece.

Não ofendâmos êsse amigo, tornando-o ridículo e antipático.

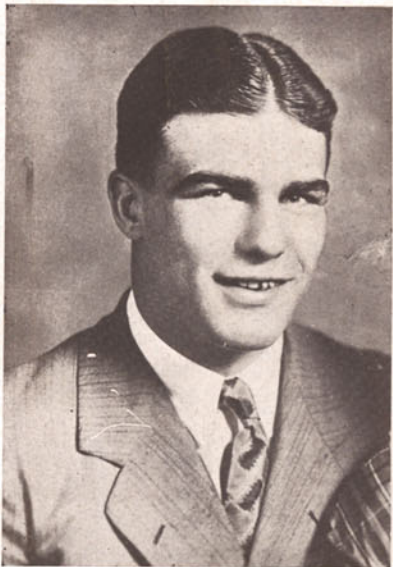
■

A audição das *Canções da uva e do vinho* dada pela Emissora, foi um verdadeiro encanto para todos os bons patriotas.

Ouvir louvar, em tão inspirada música e em tão sugestivas palavras, o precioso sumo das nossas cêpas, até dá vontade de erguer um copo, mesmo ao mais abstémio, e gritar:

"A Portugal! Ao seu solo abençoado! Hip, hip, hurrah!„

Mercedes Blasco.

A QUINZENA DESPORTIVA

Max Schmeling, o vencedor do sensacional combate que acaba de realizar-se nos Estados Unidos

A secção desportiva da "Ilustração» apresenta-se nesta quinzena festivamente engalanada. O caso não é para menos: desapareceu da Avenida da Liberdade aquele monstro agressivo alcunhado de discóbulo.

Manifestámos, desde o dia da sua apresentação no átrio da Câmara Municipal, o desagrado que devia merecer a instalação numa artéria da cidade, duma obra de escultura que nem técnica nem estéticamente tinha predicados a recomendá-la. A sua presença na Avenida simbolisava, aos olhos de quantos estrangeiros nos visitaram, a ignorância dos nossos artistas em matéria desportiva ou a classe rudimentar do nosso atlétismo nacional.

Aquele gigante mal encarado, que ameaçava os transeuntes com uma pedrada, foi agora apeado do seu pedestral e levado para destino menos glorioso. Bem haja a vereação da Câmara de Lisboa por tão inteligente decisão.

Informaram, contudo, os jornais, que o discóbulo vai ser instalado num jardim público. Embora achassemos muito mais acertada a sua fundição, alvitramos um lugar que se nos afigura o mais adeqüado aos seus méritos: o parque dos ursos, no Jardim Zoológico das Larangeiras!

■

Estamos a um mês dos Jogos Olímpicos, que vão reunir em Berlim a mais extraordinária falange dos desportistas especializados até hoje vista no mundo.

Depois das diversas campanhas de descrédito movidas por interêsses políticos ou nacionalistas, o ideal desportivo integrado na organização olímpica acabou por triunfar integralmente e nenhuma das abstenções anunciadas se verificará; todos os países do universo enviarão à Alemanha representantes seus.

Portugal também lá irá; existe, infelizmente, no espírito público um pessimismo vizinho da descrença que considera sem interêsse a nossa participação olímpica porque o valor dos selecionados não permite esperanças de vitória.

Precisamos de combater por todos os meios sobretudo pela persuação, esta opinião defetista. E' vantajoso ter consciência das próprias possibilidades, mas nunca se deve aceitar como antecipadamente assegurada a derrota absoluta.

A lei olímpica tem, de resto, um alcance muito mais nobre e moral; se os louros são para o vencedor, a honra é compartilhada igualmente por quantos comparecerem a lutar com lealdade e brio; a presença nos jogos é a obrigação estatutária de tôdas as nações filiadas na Internacional Olímpica.

Ocupando-se dedicadamente da deslocação a Berlim duma equipa portuguesa o mais numerosa possível, dentro dos recursos do meio nacional, o Comité Olímpico é credor de unânimes aplausos e é obrigação de tôda a gente facilitar-lhe a missão criando ambiente propício e envolvendo os escolhidos numa atmosfera de apreço e entusiásmo, que traduza confiança e êles interpretem como estímulo.

Joe Louis, cujo «knock out» transtornou tôdas as previsões

Não foram ainda dados ao conhecimento público quais os desportistas em cujas competições tomaremos parte; não é, porém, arriscado prever a seleção dos esgrimistas, cuja equipa foi já formada pela respectiva federação e tem sido sujeita a um rigoroso treino preparatório, dos cavaleiros cujas tradições equivalem a um termo de responsabilidade, e dos atiradores que há quatro anos vêem seguindo um meticuloso plano de trabalho afirmando progressos constantes e alcançando resultados comparáveis aos melhores do mundo. Depois destas três modalidades, que consideramos em grupo à parte e nas quais é de presumir classificação honrosa, parece ainda assente a inscrição nas provas de vela, onde não faltam conhecimentos aos nossos amadores, em atlétismo e talvez, natação.

O nadador a deslocar seria o especialista de bruços Silva Marques, que em provas recentes conseguiu melhorar o seu record nacional, descendo o tempo dos duzentos metros para 2.m 57s., valor de classe internacional, pois muitos países europeus, a Itália, a Inglaterra, etc., não possuem homens que percorram a distância em menos de 3 minutos. A seleção de Silva Marques seria aplaudida por todos os elementos interessados, não só pelo mérito absoluto dos seus feitos como ainda porque representa a compensação justíssima dum desportista amador que consagra à sua especialidade um trabalho persistente, não evitando sacrifícios apesar duma vida profissional fatigantíssima e deprimente.

O problema do atletismo é diferente; em principio não existe em Portugal um atléta com classe olímpica, mas a inscrição nas provas de atletismo é quási um ponto de honra para tôdas as nações concorrentes. Assim, mandaremos a Berlim o que de menos mau houver, sendo muito criteriosa a escolha do Comité Olímpico propondo à Federação o apuramento de dois corredores de Maratona, aos quais possívelmente, se juntará um especialista da velocidade, se os próximos campeonatos regionais indicarem algum homem em forma.

Terminou a época lisboeta de Handball, que poucas saüdades nos deixa; não pelo seu valor técnico, pois se verificou acentuado progresso e considerável expansão, mas porque a segunda metade dos torneios oficiais deu origem a sucessivas questões e protestos, nas quais o clubismo e a política exerceram maior influência do que o direito e a razão.

Resumindo a impressão geral dos mezes de actividade podemos conceder votos de louvôr aos praticantes, uma censura e moção de desconfiança aos dirigentes da modalidade, sobretudo dentro dos clubs.

Novamente o Sporting foi o grande triunfador, ganhando o torneio de Preparação, as duas categorias no campeonato e ambos os torneios do Club Alemão; a sua primeira categoria apenas foi vencida durante a época duas vezes, pelo Académico com absoluto merecimento e pelo Carcavelinhos num jogo irregular; é curioso notar que qualquer dêstes grupos obteve má classificação na prova.

Em seguida aos "leões», merece citação de realce o Grupo Desportivo "Os Treze», cuja equipa foi o constante pesadêlo dos campeões, dando provas duma classe de jogo tão aproximada que não repugna equipara-las à cabeça dos agrupamentos praticantes.

A última jornada da época, reservada aos encontros finais da competição organizada pelo Club Alemão, serviu excelentemente a propaganda da modalidade decorrendo perante numerosa assistencia e valorizada pelas belas exibições dos quatro grupos finalistas.

Verifica-se, de ano para ano, o incremento adquirido pelo Handball, que é já actualmente no país o terceiro dos jogos mais divulgados. As suas características técnicas, simples e emotivas, o valor atlético da sua prática, a vivacidade de fases a que dá logar, asseguram-lhe a estima indispensavel do público. Oxalá a pequenez dos facciosos, que dão largas ao vicio a coberto dum anunciado desinteresse que os actos a cada passo desmentem, não consiga destruir a obra dos melhor intencionados.

■

O mundo inteiro viveu três dias na espectativa do destino reservado pelo pugilista negro americano Joe Louis ao alemão Schmeling, considerado pela crítica universal como a víctima oferecida aos punhos do demolidor. Para tôda a gente, nos Estados-Unidos ou na Europa — excepção feita à Alemanha — o problema resumia-se a saber quantos assaltos resistiria o branco ao preto.

Afinal o branco tanto resistiu que deitou a terra o favorito, alcançando a maior vitória surpresa do box contemporâneo. Abatido ao 12.º "round», Joe Louis estava virtualmente derrotado dêsde o 3.º assalto, a partir do momento em que um forte sôco do alemão o atingiu na ponta do queixo. Assim como o idolo babilónico tinha pés de barro, o colosso americano tinha o queixo da fragilidade do vidro. Ninguêm sabia êste pormenor por que, em todos os combates disputados até à data ainda não fôra tocado nêsse ponto melindroso.

O prestigio de Joe era tão grande, aureolado pelo resultado de todos os seus anteriores combates terminados sempre antes do limite estabelecido, que os seus adversários perdiam perante êle parte dos seus recursos. Impressionados, receosos da força do pugilista, procuravam a todo o transe defender-se, omitindo a preocupação do ataque.

Schmeling, porêm, não teve mêdo; subiu ao "ring» para vencer, e não para resistir. Lançando-se, sempre que a ocasião era favorável, na ofensiva encontrou o ponto fraco desconhecido e demonstrou quão frágil é o critério dos prognosticadores.

Indirectamente, a vitória de Schmeling corresponde a um triunfo para o desporto alemão. A energia moral com que subiu ao rectangulo era resultante da fé, do entusiásmo que os dirigentes de desporto germânico souberam incutir na mocidade do seu país. Nada é impossível a um povo que sabe querer, tal é a moralidade a tirar do êxito alcançado pelo representante da raça alemã, cujos chefes souberam aproveitar as virtudes criadoras e ressurgidoras da prática desportiva oficialmente patrocinada.

É a Schmeling, portanto, que cabe enfrentar Braddock para a disputa do campeonato do mundo, e as probabilidades parecem ser tôdas a favor do vencedor de Joe Louis, a menos que as previsões tornem a falhar.

Salazar Carreira.

O discobulo da Avenida da Liberdade, que acaba de ser removido da Avenida, por louvável decisão camarária e vai ser colocado num jardim público

A equipa do «Grupo Desportivo Os Treze», um dos finalistas do torneio de Hand-ball do Club Alemão

Dr. Bengué, 6, Rue Ballu, Paris.
BAUME BENGUÉ
Apr. D. S. P. em 6-3-1913 soo o N° 28
RHEUMATISMO-GOTA
NEVRALGIAS
Venda em todas as Pharmacias

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA
ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160$00
„ „ „ „ carneira 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LICA PORTUGUESA
10
CENTAVOS
É o custo de um banho de
100 litros de agua que o
Esquentador Vacuum a petroleo
prepara em 13 minutos!
ESQUENTADOR
VACUUM
MODELOS COM OU SEM CHUVEIRO
Trabalha melhor com
PETROLEO SUNFLOWER
1538